

relatos da minha própria morte



Héctor Enrique Giana

Héctor Enrique Giana

RELATOS
DA MINHA
PRÓPRIA
MORTE

1ª. Edição

São José dos Campos - SP

Edição do Autor

2017

2017, by Héctor Enrique Giana - 1ª. edição

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer parte desta edição, por qualquer meio, sem a expressa autorização do autor. A violação dos direitos do autor (lei nº. 5.998/73) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Brasil

Giana, Héctor E.

Relatos da minha própria morte

São José dos Campos - SP, Edição do Autor

ISBN nº. 978-85-919806-3-5

Índice para catálogo sistemático

1. Relatos da minha própria morte

Ficção e Contos Brasileiros

ÍNDICE

| | |
|---|-----------|
| Prefácio | 8 |
| Introdução | 10 |
| Nem lembro mais quando nasci, | 12 |
| <i>...nem porquê,</i> | 12 |
| <i>...nem onde.</i> | 12 |
| Sensação de haver vivido como em um sonho. | 15 |
| Sem compromisso e sem propósito. | 17 |
| Conheci pessoas que não marcaram minha vida. | 19 |
| Estudei sem saber por que | 21 |
| <i>e trabalhei depois sem motivação.</i> | 21 |
| Não sei de onde venho nem para onde vou. | 25 |
| <i>Nem sei o que estou fazendo aqui.</i> | 25 |
| Sinto a morte chegando... | 29 |
| <i>Não sinto medo...</i> | 29 |
| Nada tenho a perder... | 29 |
| Morro e tudo se apaga. | 34 |
| <i>...apesar do que dizem da vida após a morte.</i> | 34 |
| Negritude total... | 34 |
| Na escuridão total... | 37 |
| <i>...penso que poderia ter sido diferente.</i> | 37 |
| Como é que os mortos pensam? | 40 |
| <i>Então não morri?</i> | 40 |
| Meu corpo está imóvel... | 40 |
| Sinto que meu corpo se está desintegrando. | 43 |
| <i>Tento fugir, mas não posso.</i> | 43 |
| Nada acontece... | 47 |

| | |
|---|------------|
| <i>Espero uma luz, um sinal...</i> | 47 |
| Perdi a referência temporal. | 47 |
| Vejo uma luz no infinito... | 50 |
| <i>Rodopio em direção à luz.</i> | 50 |
| De repente, o grande clarão, | 53 |
| <i>o conhecimento total...</i> | 53 |
| ...e o vazio! | 53 |
| Ao longe, algo se aproxima lentamente... | 57 |
| <i>...olhando fixo para mim.</i> | 57 |
| Sou “Eu” mesmo que venho ao meu encontro. | 60 |
| <i>...Sonho?</i> | 60 |
| Diálogo profundo comigo mesmo. | 64 |
| <i>Começo a entender...</i> | 64 |
| “Eu” me explico os fatos. | 64 |
| Mais diálogos comigo mesmo. | 67 |
| <i>As coisas começam a clarear...</i> | 67 |
| A conversa continua e “eu” entendo muito mais. | 69 |
| Como o ser hominal se destacou nesse meio. | 73 |
| O homem é o único ser pensante? | 75 |
| Como se processa o nascimento e a morte. | 78 |
| A ideia de Deus... | 82 |
| Meu “Eu” me disse que vou voltar a viver. | 85 |
| <i>Não quero errar novamente o caminho...</i> | 85 |
| Os últimos momentos de luz... | 89 |
| De repente tudo se apaga. | 93 |
| <i>Novamente a escuridão total.</i> | 93 |
| Vejo uma luz no fim do túnel. | 95 |
| <i>Rodopio novamente em direção à luz.</i> | 95 |
| Epílogo | 100 |

Prefácio

Li os “Relatos de Minha Própria Morte”, obra esotérica de Hector Enrique Giana, escrita em 2016/2017. É rico o conteúdo que o texto traz à luz - enquanto perscruta haver ré encaminhamentos anímicos de nosso ser individual, por vidas subseqüentes. Algo que o Autor precisa revelar, eis que o vulgo não tem natural acesso a essa “iluminação” que ele adquiriu.

Uma curiosidade que me saltou à vista manuseando o livro, foi o Chapéu Panamá mostrado em um retrato de contra capa - por sob o qual Enrique se esconde para escrever. Creio que para ele se deixar tomar pela inspiração! Por sob o chapéu, quem sabe, lhe afloram os produtos da extensa vivência com escolas iniciáticas e o seu inato dom para perceber sutilezas do espírito - entremeando uma formação acadêmica voltada para a Químico-Biologia.

O estilo do texto é hábil no manuseio de analogias - trazidas da aculturação europeia-sul americana na qual o Autor foi menino. As analogias perfazendo pontes, entre saltos difíceis que o texto tem de ir cumprindo; tal o caso, quando é citado o conceito de o permanente “eu” individual ter de se mesclar com o “todo”, em dada etapa da existência; este, o “todo”, sendo o universo das coisas. Enrique Giana, em vez de cumprir extensa discussão didática, apenas diz que – qual se fosse em uma leitura atenta - esse análogo leitor afinal se identifica com o que está sendo lido, a ponto de se tornar

no próprio livro. A analogia induzindo o salto racional do “eu” ao “todo”, muito difícil de verbalizar.

Quiçá resumindo e generalizando a iluminação metafísica que os Relatos nos expõem, talvez se pudesse – intrigantemente – dizer tão só o seguinte: há em nós um “ser” constante; exercitada uma vida, ele conversa conosco mesmos, sobre a vida recém-vivida e a subsequente - cujo dom nos será concedido. Tal, o mecanismo da evolução individual! Essa conversa, feita como se três hipóstases se intercompusessem, em uma troca de inspirações desde o triplo simultâneo ser - que, por um momento, estamos sendo. O “triálogo” induzindo em nós, que essa vida futura seja cumprida à busca de um nível maior de utilidade anímica.

A obra, prazerosa de ler, resgata, por capítulos, memórias guardadas - que todos temos. Demais, cria em nós intuições luminosas e íntimas dúvidas por debater.

Sergio Vale.

16 fevereiro 2017

Introdução

Este livro relata a experiência de vida da maioria das pessoas que vivem neste mundo. Claro que existem exceções à regra, mas basicamente todos nós passamos por esta experiência, ao menos numa sequência similar.

Quase sempre nos arrependemos daquilo que deixamos de fazer, principalmente quando não temos a coragem suficiente para fazer aquilo que queremos; o tempo passa esvaindo-se pelos cantos da existência e um dia nos encontramos à beira da morte lamentando o que postergamos por um motivo ou outro. E isso dói!

Na maioria das vezes, tentamos culpar situações ou terceiros por aquilo que preterimos, mas, à beira da morte, não conseguimos nos auto enganar e observamos claramente que somos responsáveis por tudo aquilo que nos aconteceu durante nossa vida, o que fizemos ou o que deixamos de fazer. Então nos perguntamos se poderia haver sido diferente, se poderíamos haver realizado mais, vivido de forma mais perfeita, interagido melhor com todos os seres que compõem a biosfera deste planeta.

Numa voragem instantânea, lembramo-nos de quantas árvores cortamos sem motivo, de quantos cachorros chutamos sem necessidade, de quantos destratos dispensamos a muitos de nossos semelhantes, de quanto lixo físico e moral acondicionamos de forma errada em nosso planeta, de quantas vítimas fizemos e de quão pouco humanos fomos. Mas agora é tarde, perdemos a chance e, mesmo querendo retroceder e fazer tudo de forma diferente, verificamos que é impossível.

Então, isto fecha o círculo? Se não pudermos consertar o que fizemos de errado como poderemos ressarcir o mundo pelo dano que perpetramos? Existe uma dívida, com certeza, e alguém terá que pagar a conta. Começamos a aceitar a ideia de uma espécie de vida além da morte que nos permita refletir e que nos mostre o caminho para remediar a situação, mas como não temos certeza de que isso exista realmente, o desespero toma conta de nós e nos faz viver o restante de nosso tempo de vida de forma absolutamente alienada e sem perspectivas.

Sem encontrar o significado, nossa existência se torna vazia e sem propósitos; sofremos e fazemos sofrer a quem nos cerca pelo simples motivo de não saber o que fazer, dando início a um processo de depressão que acelera nossa partida.

O que acontece a seguir vai depender da forma de como entendemos e encaramos o que nos resta de tempo, após a percepção de nossa inabilidade para viver. Alguns tomarão um rumo que os traga de volta à realidade; outros seguirão andando pelo caminho errado sem perceber o acontecido; outros ainda terão descoberto sua incapacidade, mas não terão ferramentas nem força para retornar e encontrar significado.

Este relato é um deles e o resultado da caminhada não é importante para o objetivo do trabalho. Se conseguirmos despertar curiosidade no assunto e que alguém possa encontrar o verdadeiro significado de sua existência, teremos cumprido nossa meta.

Boa leitura!

1

**Nem lembro mais quando nasci,
...nem porquê,
...nem onde.**

Mergulhado num líquido levemente viscoso na escuridão que me cercava, nem podia imaginar meu próximo destino. Flutuava nesse fluido que possuía uma temperatura agradável, no entanto percebi que não respirava, nem sabia bem como ou se devia fazê-lo, já que as ideias pré-existentes na minha mente estavam ficando confusas e nem mais sabia o que fazer para manter a vida ou se devia ficar estático esperando algum sinal que me desse alguma luz sobre o assunto.

A lembrança de uma história de vida que me tocava profundamente desaparecia aos poucos, deixando-me a sensação de estar adentrando num profundo sono no qual se esvanecem todas as lembranças objetivas e se inicia a vida virtual dos sonhos. Em poucos minutos estava sonhando, ou pelo menos era a impressão que tinha, já que as figuras, os sons e o movimento estavam mais para um mundo surreal do que para uma realidade vivencial. Sem saber por que, eu curtia o momento.

Nesse esquecimento de não fazer nem ideia de onde me encontrava ou do que estava fazendo, entre vozes estranhas e ruídos diferentes, um ponto de luz apareceu na minha frente. Como estava de cabeça para baixo não consegui ver com clareza, mas me pareceu que a luz se

dilatava e se contraía num ritmo crescente, e a cada movimento parecia que a luz ficava maior. Senti um impulso de alguma força estar me empurrando em direção à luz, mas já não consegui raciocinar nem entender nada. Meus pensamentos estavam confusos e havia-me esquecido de mim mesmo. Amnésia total!

Rolei sendo puxado por mãos invisíveis e passei pelo buraco de luz. Uma intensa luminosidade enchia o novo ambiente, fazendo com que tivesse que fechar os olhos. Algumas vozes e o choro alegre e contido de uma mulher, os quais ouvia perfeitamente, deixaram-me a sensação de estar em outro mundo.

A partir desse instante e durante um tempo prudencial, não tive consciência de nada à minha volta. Via rostos repetidos, comia por instinto, a vida me levava sem que eu pudesse fazer nada para mudar qualquer coisa. Estava à deriva e alguém cuidava de mim. Não tinha consciência de espaço nem de tempo e meus pensamentos estavam paralisados. Era um verdadeiro autômato sem vida própria e sem noção do que estava acontecendo.

Quanto tempo estive nesse estado letárgico mental é algo que até hoje me pergunto e muito pouco tenho a acrescentar, já que a lembrança se esvai e não consigo fixar nenhum momento. Posso dizer que algumas das pessoas que me cercavam passaram a fazer algum sentido para mim e o fato de vê-las permanentemente e de cuidarem para que não me faltasse nada, fez nascer

em mim um sentimento de afeição que foi aumentando com o tempo.

Algumas palavras começaram a se desenhar na minha boca, primeiro por repetição - sem fazer muito sentido - e mais tarde associadas a alguma necessidade básica, o que me permitiu usá-las para benefício próprio. Quando descobri que podia obter coisas e satisfazer meus desejos incipientes através do grito, do choro ou de repetir algumas palavras mesmo ainda sem sentido, aproveitei para usar e abusar do mundo à minha volta.

Confesso que não foram raras as vezes e isto me deixa um pouco triste porque não tenho como mudar o rumo da minha história. Desde a mais tenra idade abusei do poder e hoje, mesmo que bem mais tarde, em outro tempo e lugar, arrependo-me do que fiz e creio que não o faria de novo...

2

Sensação de haver vivido como em um sonho.

Não vou adentrar muito em conceitos primários para não tirar o foco da história principal. O mais importante não é como me desenvolvi durante todos os anos de minha vida, e sim como cheguei ao fim dela e que tipo de conclusões tirei daquilo que fiz ou deixei de fazer.

Hoje olho para trás e vejo minha existência como num filme do século passado: filmagem ruim, cenas mal produzidas, visão das personagens fora de foco, nubladas e sem brilho, imagens apagadas e sem colorido. Afinal, nada de que se orgulhar.

Até quando me lembro, as cenas familiares da casa paterna sempre tinham um ator principal que levava vantagem em tudo. Era difícil não satisfazer meu desejo porque sendo o primogênito, todas as atenções estavam voltadas para mim. Afinal, a graduação de meus pais como pais havia-se dado ao mesmo tempo que a da minha graduação filial, como filho. A conclusão lógica era a igualdade de direitos já que a carreira de formatura era simultânea, e eu soube aproveitar muito bem isto.

Como na época não havia televisão, as brincadeiras eram presenciais. Sem o barulho ensurdecido da tela retangular que distraísse minha atenção, minha mãe estava o dia todo pendente de mim; havia-se tornado minha televisão preferida, já que eu podia escolher a programação que quisesse, sem apelações.

Lembro-me remotamente de que, quando nasceu meu irmão, alguma coisa dentro de mim me dizia que iria perder o lugar de honra, o trono. Foi o suficiente para começar a comportar-me propositalmente de forma calamitosa, chorando continuamente, adoecendo frequentemente, iniciando uma compulsória série de tiques nervosos, usando os lugares mais inesperados da casa como banheiro, enfim, fazendo uma revolução que atraísse a atenção cada vez mais distante dos meus pais que estavam cuidando do filho mais novo.

O tempo foi assentando a poeira, e quando mais tarde entendi que meu irmão não havia usurpado meus domínios propositalmente, a raiva contida no meu coração desapareceu, mas sem nada poder fazer para consertar a situação. Sofremos durante anos essa falta de compreensão da realidade, mas acabamos entendendo que o ser humano nasce egoísta e poucas chances tem de mudar esta realidade, a não ser em condições especiais que veremos depois.

Desta forma caminha a humanidade, constituída por seres comuns como nós, que vivem na ignorância das regras básicas da harmonia e da convivência e que permanentemente pensam que são donos da verdade mais absoluta e que ninguém mais possui a razão.

3

Sem compromisso e sem propósito.

Fui rolando pela vida como todo o mundo o faz. Aos 5 ou 6 anos, entrei na escola para ser alfabetizado e aí vi um panorama totalmente novo, diferente do anterior, no qual as figuras paternas estavam ausentes, pelo menos no período das aulas.

Entre novos conhecidos, todos garotos da mesma idade, não tardaram em surgir entre nós os apelidos que nos marcaram depois para todo o sempre. Sendo que eu era alto e magro, meu apelido era "espaguete", mas havia muitos outros: gordo, negro, cabeça, magricelo, etc. O conceito moderno de *bullying* não existia, mesmo que de fato aquilo fosse uma violência psicológica. Não havia penalidades nem reprimendas e a consternação sofrida era suportada sem misericórdia. Às vezes, você estava no grupo agressor e outras vezes, era o sujeito agredido.

Aprendi durante esse período a me virar sozinho, então procurava amizades entre os colegas, muitas vezes compradas com doces e presentes, de forma a minimizar a ação contra mim. A amizade criada era falsa e eu sabia, mas de qualquer maneira me mantinha bem afastado da eventual violência contra mim.

Nesse tempo e por um longo período, não houve nenhum compromisso sério com nada. O estudo acontecia em aulas chatas sem emoção, ditadas de forma magistral, sem a participação dos alunos. Tudo o que se

aprendia num dia, era esquecido no outro, já que o método de ensino era fraco e sem sentido. Os colegas dormiam na aula e quando havia prova escrita, quase ninguém sabia nada. Desta forma, repeti alguns anos, da mesma forma que muitos dos meus companheiros, o que serviu para levar bronca dos meus pais e acumular castigos absurdos, tais como não poder brincar, não poder ir ao cinema, lavar os pratos e arrumar minha cama.

Se me perguntarem se tinha um propósito de vida, algum plano, alguma esperança, direi que não. Nunca pensei no futuro já que mal pensava no presente. Do passado, esse eterno filme de lembranças efêmeras, só guardava o mal feito. Não tinha do que me orgulhar.

Jamais passou pela minha cabeça imaginar o que seria eu mesmo daqui a 30 anos, o que estaria fazendo, como estaria me comportando. Como dependia afetiva e economicamente dos meus pais, não tinha nenhum motivo para ocupar minha mente com essas tolices.

Esse era meu dia-a-dia. Sem nenhum compromisso, já que não tinha necessidades, e sem nenhum propósito, já que não precisava deles. Quando percebi o engano, já era tarde demais e a vida se esvaia sem possibilidades de retorno. Esse era eu, mas poderia ser qualquer um, inclusive você.

4

Conheci pessoas que não marcaram minha vida.

Como disse antes, os colegas de turma que me cercavam eram amigos passageiros e poucas coisas tinham a me oferecer. Nessa idade, o que mais valorizamos é o poder, sermos queridos, tornarmo-nos imprescindíveis, sermos o líder da turma. Era muito difícil conseguir esta posição porque a concorrência era muito grande. Quase todos os colegas pensavam da mesma forma e almejavam serem os líderes da classe, os melhores.

Pensava muito sobre o assunto e havia elaborado alguns planos para me tornar a figura mais importante da sala de aula. Um deles era o de procurar me tornar amigo íntimo de cada um dos colegas e mostrar a eles que estava aí para defendê-los em qualquer situação. Eles deviam saber que eram, individualmente, meus preferidos, então ante qualquer circunstância, os outros seriam relegados a um segundo plano. Sorte que nunca tive que enfrentar uma situação de conflito, já que havia prometido o mesmo para todos eles e se acontecesse isso, estaria numa enrascada bem difícil de escapar.

Outro dos planos era o de distribuir figurinhas a todos eles, individualmente e às escondidas, para que todos se sentissem especiais. Lembro-me de quando apareceram as figurinhas de futebol com todos os jogadores dos principais times do país e havia que preencher um álbum

para ganhar prêmios... dado que eu tinha muita sorte no jogo do bafo e como sempre ganhava muitas figurinhas repetidas, separava-as do resto e perguntava a cada um de meus colegas quais estavam faltando no seu álbum. Todos trocavam uma figurinha faltante por outras 10, a modo de escambo. Eu nunca troquei nenhuma; dava-as de presente, dizendo que como era um amigo especial não iria cobrar nada por isso.

Enfim, fui angariando amigos em todas as classes da escola e em pouco tempo era o líder natural, o cara bom, o amigo especial que sempre pensava nos demais, o desprendido que dava tudo a todos e, naturalmente, sem que sentisse nenhum apreço nem arrependimento por minhas ações, fui rolando o tempo em direção à adolescência com minha alma calejada de mentiras e simulações.

Dos meus amigos de infância não lembro mais de ninguém, mesmo que tente puxar do fundo da memória. Ninguém me acrescentou nada de novo ao que já trazia comigo e sendo eu o líder natural, todos me bajulavam e me queriam muito bem. Mesmo sendo um dos piores jogadores de futebol da escola, sempre me colocavam no time principal, de forma a fazer-me um agrado, e ao final recebia a medalha de premiação ao time vencedor, sem haver chutado uma bola só.

Como lembrança final me resta a sensação de haver-me comportado como um crápula e de haver merecido tudo o que viria a acontecer depois comigo.

5

**Estudei sem saber por que
e trabalhei depois sem motivação.**

A escola primária havia ficado para trás e começava uma nova vida escolar. A escola secundária era bem interessante porque na época da puberdade, com os hormônios à flor da pele, um verdadeiro séquito de garotas, conhecendo minha fama de bom rapaz e de líder da escola anterior, prodigalizava esforços para me agradar e derramar seu charme sobre mim. Podia dar-me ao luxo de escolher a que mais gostava, e nisso, eu era mestre.

Não sei dizer ao certo quantos corações estraguei nem quanto de dano causei às meninas que ousaram me conquistar. Na realidade, nunca amei ninguém e creio que nem soube o que era isso, já que minha lembrança se esvazia quando tento pensar no fato. Muitas das garotas hoje estão casadas e têm vários filhos. Quando me vêm pela rua, viram a cabeça para não cumprimentar-me ou me encaram diretamente fazendo cara de nojo. Enfim, eu mereço!

Enquanto namorava bastante e estilhaçava corações, a vida propriamente acadêmica era um desastre. Andava muito mal nos estudos e não conseguia aprender nada do que os professores explicavam. Ao chegar ao final do curso, ante a pergunta do que gostaria de estudar na Universidade, sempre duvidava antes de responder, já

que pensava haver estudado até aqui sem motivação, sem gosto e sem perspectivas futuras e achava que isso não iria mudar nunca.

Não sabia bem porque estava estudando, dado que quase todas as matérias eram enfadonhas e não faziam nenhum sentido para mim. Acredito que se não fossem as garotas a iluminar meus dias, não teria ido em frente e bem provavelmente teria abandonado meus estudos.

Mas a vida continuava seu curso e por motivos práticos precisei trabalhar para sustentar meu dia-a-dia. Fui contratado numa livraria como vendedor e graças aos meus relacionamentos com os colegas de estudo, a loja vivia sempre cheia de gente que ia mais por mim do que pelos livros. De qualquer forma, as vendas aumentaram bastante principalmente quando os garotos iam acompanhados de seus pais e eles acabavam comprando os livros na vã expectativa secreta de que seus filhos algum dia os lessem.

O dono da loja havia percebido isto e queria me agradar a qualquer custo, então todas as semanas ganhava alguns livros de presente. A farta biblioteca que hoje tenho, constituída por centenas de livros que jamais li, era proveniente dessa livraria. Quando alguém a visitava me gabava de haver gostado mais deste ou daquele livro, mesmo sem haver aberto uma página sequer.

Como livros não eram meu forte não tardei muito tempo em dar-me conta de que o trabalho não me atraía

nem me motivava. Sem importar-me com regras sociais, direitos trabalhistas ou qualquer assunto relacionado aos meus interesses como trabalhador, um dia cheguei à livraria e pedi a conta para o dono. Ele sem acreditar no que estava ouvindo, não por mim, mas pelo que perderia de vendas se eu sáísse, ofereceu-me duplicar o salário para que eu ficasse. Eu disse que não, que o motivo não era o salário, mas a insatisfação de não encontrar-me centrado em meu interior.

O rosto do homem estava demudado pela surpresa e tentou em vão me convencer a ficar. Concordei com ele em ficar até o fim do mês, e quando amanheceu o dia primeiro do mês seguinte eu permaneci na cama após o despertador tocar, como todos os dias o fazia. A sensação foi muito agradável e a repeti durante alguns dias mais.

Havia deixado a livraria para trás e com minha saída, muitos clientes deixaram de frequentá-la, agora sim por minha causa, mas concomitantemente havia criado outro problema para mim; tinha que encontrar outro serviço, já que as contas que chegavam todo fim de mês exigiam serem pagas.

A cidade em que morava não era muito grande e as ofertas de emprego eram mínimas. Um golpe de sorte veio me ajudar, devido aos comentários na cidade, e muitos empregadores me procuraram para que ocupasse um cargo nas empresas deles. Todos ouviram falar de como a livraria alavancara suas vendas pela minha

popularidade e pensaram em fazer o mesmo em seus negócios que não andavam muito bem.

Agora, já que eu estava por cima – como diz o ditado popular, poderia escolher o tipo de serviço que quisesse e isso foi o que fiz.

Depois de pensar um longo tempo decidi que gostaria de trabalhar numa cafeteria que servia o chá das cinco no estilo Inglês. Passou pela minha cabeça dar aulas particulares aos colegas, mas como tinha certeza de que sempre fui um mau aluno e conseqüentemente seria um péssimo professor, logo desisti. Além do mais, o cheiro de café recém passado era algo que me atraía muito e era frequente que o proprietário passasse um café novo a cada pedido de cliente. Tinha a água sempre quente num fogareiro de carvão e as coisas estavam disponíveis e à mão para não demorar muito.

Claro que todos os meus colegas aprenderam a gostar do chá das cinco e vieram massivamente para a cafeteria, acompanhados pelos seus pais para tomar a deliciosa iguaria que ali se servia. Logo as vendas aumentaram tanto que o dono abriu uma filial na outra ponta da cidade para poder atender a demanda. Desta forma, virei gerente de loja antes de completar meus 17 anos.

Como sabia certamente que esta situação se devia exclusivamente à minha popularidade, já começava a fazer planos para usufruir do fato.

6

Não sei de onde venho nem para onde vou.

Nem sei o que estou fazendo aqui.

Assim passei o resto da minha curta existência após a adolescência pulando de emprego em emprego, sem haver estudado nem me formado em Universidade alguma e sem haver assentado minha cabeça, por conta das agruras que a existência me provocou devido à minha própria falta de caráter. Não podia culpar ninguém pelo que estava passando porque sabia que eu era o único culpado por haver passado por uma história de vida vazia e sem sentido.

Os amigos que poderia haver cultivado estavam longe de mim pelo fato de nunca haver cativado sua verdadeira amizade. Como disse antes, não amava ninguém e o pálido reflexo de um gostar estava fora de cogitação. Eu era muito autossuficiente para aceitar me submeter a qualquer tipo de relacionamento. Assim, sem mulher, sem filhos, sem amigos, com meus parentes afastados pela minha insolência, estava sozinho neste vasto mundo e com poucas perspectivas de poder mudar alguma coisa sequer.

Com tão pouca experiência de aprofundar em problemas e situações atuais, pedagógicas ou filosóficas nem conseguia saber ao certo o que poderia fazer. Lia pouco e conversava menos. Havia perdido meu tempo e meus dias de escola sem aprender praticamente nada e a

pouca vontade de adquirir novos conhecimentos ou aprender o mínimo que a vida oferecia, fazia-me penoso o caminho.

Desta forma, abandonei-me à sorte. Dentro de meu quarto de pensão, já que não tinha nem um teto próprio para morar, estive encerrado durante vários dias sem sair nem para comer qualquer coisa. Tentei puxar pela minha memória e relembrar os fatos passados para me situar no presente. Uma longa procissão de imagens me levou até minha infância, mas não consegui passar dali. Os primeiros passos e meus primeiros golpes e trombadas estavam confusos e nem lembrava direito nem quando nem onde havia nascido.

Meus pais haviam partido para outro mundo quando eu era muito jovem e a lembrança deles era enevoada. Sem paciência para tentar esclarecer as coisas, pulei para a lembrança de meu único irmão, do qual não tinha notícias, pelo menos desde a década passada. Sabia que havia se casado e que tinha uma menina, mas nada disso trouxe nenhum conforto ou alegria a meu coração atormentado.

Quanto mais pensava mais chegava à conclusão de que eu não havia existido. Talvez fosse um reflexo de um pensamento ou de algum desejo oculto de alguém, e que minha vida era o eco de algum pensamento que me houvesse idealizado sem que eu tivesse consciência disso. Na realidade, nem sabia se eu tinha capacidade de estar pensando isto porque tinha certeza de que não

possuía a mais mínima competência de pensar ou filosofar a respeito de minha própria vida.

A pergunta seguinte era óbvia. Teria eu nascido realmente? Se assim fosse, quando foi? Nem mais sei minha idade, de tanto que o tempo deixou de fazer sentido para mim. Como disse antes, fui rolando a vida sem compromissos e sem desejos de ser nada, já que sobrevivi - aparentemente por acaso, e estou aqui agora tentando desvendar este mistério de vida não vivida.

Senti uma pontada no estômago devido ao jejum prolongado. Creio que se passaram 4 ou 5 dias de não sair de meu quarto. Pensei em parar de tentar refletir sobre minha existência e ir ao bar da esquina a comer alguma coisa, mas algo me dizia que se não conseguisse chegar a uma conclusão que fizesse sentido, teria que voltar ao encerro e novamente passar por tudo isto, até conseguir as respostas que me queimavam a alma.

Continuei ali, firme no propósito. Perguntei-me se valera a pena tudo aquilo que vivi para chegar à forma em que me encontro hoje. Quase beirando o meio século, podia resumir minha história em meia página de um caderno. Nada que valesse a pena ser dito.

Sem saber bem de onde vim e menos ainda para onde estou indo, encontro-me no meio deste caminho não sabendo ao certo o que estou fazendo por aqui. Isto em linguagem clara chama-se desespero, por total falta de identidade e pode culminar em loucura ou alienação, o que tampouco importa muito para mim, já que nem sei

mesmo se realmente sou real ou se sou reflexo de algum pensamento fora de mim mesmo e que me sustenta.

Em vão tentei puxar pelo raciocínio lógico para poder encontrar o fio da meada que me levasse a algum lugar. Lembrei-me da história de Teseu e o Minotauro que havia ouvido na escola quando criança. Não sabia bem como acabava e nem me importava, mas o fato de haver sempre um fio condutor para regressar ao mundo real, saindo do labirinto das ilusões, seduziu-me por um instante e me fez pensar que quando saísse poderia encontrar a resposta a todos meus questionamentos.

De novo a pontada no estômago me trouxe à realidade e percebi que não havia saída para mim.

Saí para comer alguma coisa porque a dor de estômago era quase igual que a dor da alma.

7

Sinto a morte chegando...

Não sinto medo...

Nada tenho a perder...

Não sei o que está acontecendo comigo. Às vezes o ar me falta e sinto um desalento difícil de definir, como se alguma coisa vital estivesse querendo sair do meu corpo. Fui ao médico para que desse uma olhada e depois de fazer alguns exames e prescrever outros para fazer fora, chegou à conclusão de que não havia nada de errado em meu corpo.

Continuei sobrevivendo com essa sensação, sem dar muita atenção ao fato de que estava emagrecendo bem depressa e **DE** que as forças me faltavam cada vez mais. Andar pela rua era penoso e me cansava rapidamente. Não conseguia levantar muito peso, andava sonolento e uma fraqueza generalizada se apoderava de mim.

Definitivamente, não estava bem e sentia que minha vitalidade, outrora forte e incansável, estava se esvaindo aos poucos, bem lentamente a princípio e com maior velocidade depois. Comia pouco e saía cada vez menos. Passei a pedir para que a comida fosse trazida até meu quarto do hotel para não ter que sair andando. Já não tinha força suficiente nem para levantar da cama.

Como disse antes, não tinha amigos verdadeiros que pudessem me visitar e a solidão tomou conta de mim. A

única visita que tinha era a do dono do pequeno hotel que sempre perguntava se podia fazer alguma coisa por mim, mais por medo de perder um dos únicos clientes que ocupava um dos três quartos que possuía, do que por um verdadeiro interesse por minha saúde.

Uma ou outra vez, assomava pela porta um dos hóspedes, um rapaz jovem que estava cursando o quarto ano de medicina e que parecia querer saber de meu estado, também mais por curiosidade acadêmica e profissional do que para me oferecer sua amizade. Ele dizia que se eu quisesse poderia cuidar de mim e me tratar orientado por seus professores, querendo em troca somente minha colaboração para um estudo de caso que qualquer dia iria publicar em algum jornal ou revista especializada. Concordei porque não tinha nada a perder e teria, ao menos, um pouco de companhia.

Desta forma, o jovem começou a me visitar periodicamente com um caderno na mão tomando nota de todas nossas conversas. Perguntava o que sentia e associava os sintomas. Media minha pressão arterial, a temperatura do corpo, auscultava meu coração e fazia tabelas e resumos. Dizia que seu professor o incentivava a continuar para se tornar o grande médico que estava destinado a ser. Comparei sua vida à minha, a qual não tinha nenhum sentido, e senti pena de mim mesmo. Sabia que era muito tarde para qualquer reação.

Um dia ele chegou e me perguntou se aceitaria uma consulta com seu professor. Disse a ele que não queria e

nem poderia me locomover, já que minhas forças estavam no limite inferior do possível. Continuou dizendo que o seu professor viria até meu quarto e ante meu silêncio, fruto do desânimo para responder, animou-se a marcar o encontro para o fim de semana, já que teriam mais tempo para conversar e chegar a uma conclusão.

No dia marcado, apareceu meu jovem amigo com um senhor que aparentava ter uns cinquenta anos, quase da mesma idade que eu tinha, mas aparentando uma vitalidade e força invejáveis. Depois dos procedimentos de rotina, com o caderno do jovem nas mãos, lendo e olhando para mim alternadamente, disse-me que minha doença chamava-se depressão. Nada físico, mas mental.

Perguntou-me se sentia algum tipo de temor pela morte, já que aparentemente e pelo meu comportamento, eu a estaria procurando. Respondi que não, sabendo com certeza que eu não desejava colocar fim a minha vida, mesmo porque nem teria coragem para fazer isto e, apesar de ser uma vida miserável, ainda era uma vida. Ele então me fez três perguntas cruciais para fechar seu diagnóstico e pediu para que eu fosse muito sincero para responder, com o que concordei.

Primeiro me perguntou se eu sentia algum tipo de prazer pela vida, pelos amigos, pelas situações do dia a dia e se acreditava que a cada novo dia seria mais feliz do que o anterior. Sorri levemente com o olhar perdido no horizonte estreito de minha cama e lhe respondi calmamente que não. Contei a ele que não tinha amigos,

nem mulher, nem filhos, nem pais e que meu único irmão não gostava de mim, por ser o que eu era. Falei das minhas ações de criança, adolescente e adulto e disse que acreditava firmemente que nunca seria feliz, aliás, que nem conhecia a ideia de felicidade.

Ele olhou para mim com pena, pensou um instante e fez a segunda pergunta. Enquanto ele explicava o que queria saber eu sentia que estava ficando cada vez mais fraco, mal escutava e não podia me concentrar no que ele estava falando. Basicamente queria saber se eu gostava de mim mesmo, se de alguma forma me amava a tal ponto de querer lutar pela minha vida. Novamente olhei para o vazio procurando dentro de mim algum momento de paz no coração em que tivesse sentido amor por mim mesmo e, mesmo depois de vasculhar por quase quinze minutos o meu interior, nada encontrei. Disse a ele que achava que não tinha respostas para essa pergunta já que mal me conhecia e não poderia amar-me sem conhecer-me. Além do mais, qual seria a vantagem de amar a mim mesmo?

Finalmente, disse-me a queima-roupa e com firmeza se eu estaria arrependido de tudo o que fiz e se estaria disposto a dar uma chance a mim mesmo para recomeçar a viver. Desta vez, nem abri os olhos. Fiquei imaginando o que faria se tivesse uma chance de começar tudo de novo. A vida como lactente após o nascimento, na escola, como criança, depois na adolescência e finalmente como adulto na vida de relação. Percebi que não saberia fazer

de outra maneira e que afinal chegaria ao mesmo lugar em que me encontro agora.

Não sei quanto tempo passou, mas quando abri os olhos, os dois estavam olhando para mim como que esperando minha resposta para me dar o medicamento salvador. Desta vez, eu senti pena deles, tão esforçados em salvar uma vida que não valia a pena de ser vivida. Poderiam fazer coisa melhor se dedicassem seu tempo e sua atividade com alguém mais nobre do que eu.

Respondi que não, olhando fixamente nos olhos deles alternadamente. Disse que se tivesse outra chance provavelmente faria tudo da mesma forma e que chegaria a este momento na mesma situação.

Perguntaram se poderiam fazer qualquer coisa para minimizar minha dor e ante minha negativa, levantaram-se das cadeiras e deixaram o quarto.

Fechei os olhos e como a fraqueza era muita, adormeci logo, respirando suavemente e sem temores do que poderia vir a acontecer. A sorte estava lançada.

8

Morro e tudo se apaga.

...apesar do que dizem da vida após a morte.

Negritude total...

Permaneci nesse repouso por um longo período de tempo o qual não soube precisar, já que o conceito de tempo não se aplica em determinadas situações, mais especialmente uma igual à minha. Escutava as vozes na calçada através da janela de meu quarto e às vezes o dono do hotel passava pelo corredor fazendo algum barulho, o que não me incomodava absolutamente. Continuei dormindo...

Alguém mexeu comigo e tentou me virar. Senti que me auscultava e imaginei que era o estudante de medicina. Ele se virou para o dono do hotel que provavelmente estava na porta, e perguntou por quanto tempo eu estava nessa posição. O dono do hotel respondeu que a última vez que havia me visto acordado havia sido há uns três dias atrás, quando ele chamou à porta e não respondi. Pensou que estivesse dormindo e abriu a porta para verificar. Disse que eu estava na mesma posição que me encontrava agora.

O estudante disse então que minha morte teria acontecido pelo menos há dois dias atrás.

Eu queria gritar e dizer que não estava morto, que estava escutando tudo, embora não pudesse mexer meu

corpo e apesar de ver tudo negro, sem luz. Era como se estivesse paralisado em meio às trevas, mas era consciente de tudo o que se passava. Tentei dizer isto ao estudante, mas as palavras não saíam de minha boca.

Imaginei que a ciência ainda engatinhava, pois não tinha capacidade de reconhecer algo tão banal como uma paralisia generalizada, confundindo-a com a morte.

Pensei bastante enquanto prestava muita atenção ao desenrolar das coisas. O dono do hotel me vestiu e me deixou esticado na cama. O estudante havia voltado com o professor e ambos olhavam meu corpo e comentavam que eu havia conseguido o que queria. Não havia meios de comunicar a eles sobre o erro que estavam cometendo. Novamente tentei gritar, mas nenhum som saía **SAÍA** de minha boca.

De repente, veio-me à cabeça uma ideia maluca, na qual nunca havia acreditado antes. Como é que estava conseguindo ver tudo, inclusive a mim mesmo, se meus olhos estavam fechados e eu estava deitado sobre a cama olhando para cima? Foi aí que percebi que estava flutuando por cima de toda a cena que se desenrolava e no início não percebi como poderia ser possível. Então me lembrei de haver lido algo enquanto trabalhava na livraria, acerca do desdobramento do corpo, quando uma parte sutil de nós se separa do indivíduo e tem autonomia para voar, ir onde quiser e depois voltar.

Eu não acreditava nem um pouco nessa história e sempre achei que fosse coisa de maluco. Como seria

possível sair de seu próprio corpo e depois voltar como se estivesse dando um passeio? Enfim, enquanto pensava, tentei voltar ao meu para poder manifestar-me, mas todas as tentativas foram em vão. Lembrei-me que no livro se falava de um fio de prata que ligava o corpo à matéria sutil, mas no meu caso - eu podia ver - ele estava quebrado em vários pedaços.

Comecei a aceitar a ideia da morte, mesmo sem muita convicção. Ainda conseguia raciocinar e pensar e talvez este não fosse o fim. Lembrei-me do estudante e do professor perguntando se queria viver e que havia respondido que não. Seria esse o castigo por ter desprezado a vida? Não sei quanto tempo passou, mas as vozes e os ruídos foram desaparecendo aos poucos.

9

Na escuridão total...

...penso que poderia ter sido diferente.

Pelo visto, tenho muito tempo para pensar, muito mais do que poderia ter quando estava vivo. Antes precisava trabalhar para o sustento diário. Precisava comer, vestir-me, lavar-me, relacionar-me e ver-me. Agora nada disso é importante nem necessário. Estando imerso na escuridão total, flutuando por todos os lugares, sem saber onde nem por que, o tempo parece haver detido seu compasso. Teria muita sorte se conseguisse chegar a uma conclusão sobre minha vida anterior e descobrir que aquilo que fiz ou deixei de fazer não poderia ter sido de outra maneira.

Não senti nenhuma dor nem qualquer medo na passagem. Não sinto nada agora. Não sei onde estou nem o que estou fazendo aqui, mas como possuo intactas as faculdades mentais e posso raciocinar, dedicarei todo o tempo que possa para tentar conhecer-me um pouco mais. Quem sabe eu tenha outra chance...

Recordo-me de que alguém me disse uma vez que a morte era o fim de tudo. Outros disseram que a morte separa o corpo do espírito e que este segue vivendo numa dimensão diferente, esperando o julgamento final para a separação do joio do trigo, dos bons e dos maus. Outros ainda me falaram sobre a sobrevivência do espírito em planos superiores, e que eles ajudariam as almas encarnadas em sua missão na terra, antes de

reencarnarem novamente. Lembro-me de que nunca dei atenção a estes comentários, já que provavelmente pensava que nunca iria morrer ou que estaria muito velho quando a morte chegasse e não teria problemas para escolher meu destino.

O que vai acontecer comigo, se é que ainda sou, o tempo e a história vão dizer. Por enquanto, vou fazer um exame de toda minha vida e tentarei entender melhor o que foi que aconteceu comigo e se poderia ter sido diferente.

Eis que agora, independentemente de minha vontade, um filme em alta resolução e de forma rápida se mostra aos meus olhos e me lembra a história de minha vida pregressa. O filme acontece de trás para frente, do fim ao início, sendo difícil acompanhar seu significado pela desordem dos acontecimentos. Diferentemente do que acontece na vida real, você faz uma coisa antes e depois pensa em como fazê-la, vive uma situação num lugar antes de chegar nele. Parece loucura, mas é assim que funciona. Se houvesse praticado antes algum exercício que me permitisse familiarizar-me com este tipo de acontecimento poderia aproveitar muito mais agora para entender o quê e como acontece.

Esforço-me para lembrar-me de meu nascimento, e noto que estava mergulhado num líquido escuro e fluava quase da mesma forma que no estado em que me encontro hoje, porém no vazio total. Tampouco respirava antes, como agora, e meu pensamento

desordenado se diferenciava porque agora eu conseguia vislumbrar a história e antes não. O desconhecimento do que viria a seguir era o mesmo e a expectativa se resumia a querer saber o próximo destino.

Lembro-me de haver visto, antes de nascer, uma luz branca no fim de um túnel e que alguém ou algo me empurrava naquela direção. Quando saí, uma luz que cegava os olhos semifechados me trouxe à história da minha vida. Agora, a escuridão é total e não há nenhum túnel, nem sequer a força que me empurrava naquela direção está presente. Flutuo no meio do nada, na negritude do nada.

Assim, permaneço alheio a tudo na noite escura da alma, na qual e-se agiganta a distância que existe entre o mundo que deixo para trás e o novo, desconhecido, esperançoso, que não requer pressa nem aflição.

10

Como é que os mortos pensam?

Então não morri?

Meu corpo está imóvel...

Meu pensamento se foca em si mesmo. Como é que os mortos podem pensar? Lembrei-me das palavras de Descartes: "*Dubito, ergo cogito, ergo sum*" - "*Eu duvido, logo penso, logo existo*". Eu estava pensando, raciocinando, eu existia. Existir, ou ser, significa viver e por um momento achei que estava sonhando com tudo aquilo, que era um pesadelo que custava para acabar.

Nem sei de onde tirei esta frase e ainda por cima em Latim, já que nunca estudei para valer. Aquilo de que lembro do período escolar eram as coisas mal feitas, as sem-vergonhices, a gozação de tudo e de todos, mas alguma coisa dos livros que me presentearam e que algumas vezes folhei, ficou gravado em minha mente. Isto poderia ser muito bom para o meu futuro incerto, já que precisaria reunir na minha memória tudo aquilo que li e traçar uma linha de pensamento mais filosófica, mais real.

Embora pensasse muito a respeito disso, não tinha suficientes conhecimentos para analisar minha própria morte ou este estado vegetativo de vida que não se parecia em nada ao que já havia vivido. Como antes havia pensado, seria este um castigo por não haver valorizado a

vida? Não creio que exista uma punição desta natureza para os que possuem pensamentos depressivos.

Como meu corpo ainda permanecia imóvel e não havia perspectivas de alguma mobilidade de forma natural, decidi que poderia me concentrar em algum grupo muscular para tentar, com um esforço sobre-humano, mexer minimamente algum membro, algum dedo pelo menos, e mostrar para todos que ainda não havia morrido... pelo menos no conceito da morte que existe hoje no nosso mundo e que todos conhecem.

Concentrei-me na mão direita e comecei a mentalizar para que as forças musculares voltassem a mim. Não sei dizer se passaram minutos ou horas na tentativa vã de obter forças inexistentes, mas agora alguma coisa me diz que está dando certo. Sinto minha mão se mexer. Agora sim poderei mostrar a todos que estou vivo! Prestei mais atenção à cena e pude ver, ou melhor, intuir, já que meus olhos estavam fechados e eu permanecia mergulhado na escuridão, que alguém havia pegado minha mão primeiro, passado os braços por baixo das costas e me erguia para colocar-me dentro de uma caixa retangular.

Sem poder acreditar no que estava acontecendo, vi que a caixa marrom em que fui colocado era um caixão de defuntos, de madeira simples e sem lustrar, a mais barata de todas - pensei, já que ninguém compraria um caixão decente para mim. Não tinha amigos e meu irmão nem estaria sabendo desta ocorrência, por conseguinte aceitei que não merecia outra coisa.

Tentei espernear para que me dessem mais um tempo, mas o caixão foi lacrado e meu corpo enrijecido viajou para o cemitério mais próximo, sendo depositado na vala comum dos que não têm familiares nem amigos. Eu não podia deixar que meu corpo fosse tratado dessa maneira, mesmo havendo sido em vida um sujeito muito ruim. Achei que, por humanidade pura, merecia um tratamento melhor. Engano meu...

Continuei pensando no que deveria fazer, mas não tinha muitas opções. No atual estado das coisas, duro, só, dentro de um caixão lacrado, depositado embaixo da terra, no terceiro subsolo de um nicho mortuário e sem condições de falar nem de manifestar-me de outra maneira, relaxei e esperei.

11

Sinto que meu corpo se está desintegrando.

Tento fugir, mas não posso.

Tentei evitar a vergonha de ser tratado como um indigente, mas percebi que para os olhos dos homens, era somente isso. Senti pena de mim mesmo e quis chorar. Percebi logo que meu corpo não respondia mais a meus desejos e instintos e quando não se tem corpo físico, não se têm olhos, então chorar é impossível. Lamentei não haver chorado nunca quando estava vivo e por haver perdido a sensação e o significado do pranto.

Fiquei observando meu corpo durante muito tempo na expectativa que ele se mexesse e desse sinal de vida. Quero lembrar aqui que conseguia ver meu corpo no estado em que estava como se fosse outro a olhar. Do jeito que caminham as coisas, o único sintoma de estar morto é a imobilidade do corpo, já que minha mente segue ativa e questionando tudo, até mais do que antes. Não me lembro de registrar nenhum movimento do cadáver, em todos os dias em que o observei.

Poderão pensar que meu relato é contraditório porque ao mesmo tempo em que estou mergulhado na escuridão posso ver algumas coisas. Acontece que a visão de que estou falando é uma visão subjetiva, não real. Ela aparece intermitentemente e se assemelha a um filme em câmara lenta. As imagens passam pausadamente entre luzes e

sombras, com efeito estroboscópico, desaparecendo logo em seguida para retornar à escuridão total.

Nesse estado, consigo ver desagregando-se meu corpo, como se fosse virar uma gelatina informe. Já não me reconheço e nem mais sei se esse corpo foi o meu. Acredito que todos nós passemos por este processo muito desagradável e nojento, mas nem sei se todos têm ou terão consciência deste fato.

Algo me diz que devo sair imediatamente dali para não perturbar meu pensamento com esta visão, mas não consigo. Há uma força que me obriga a ficar ligado na realidade e que pretende que veja tudo até o final, como querendo que assista à degradação de meu próprio corpo talvez para que aprenda alguma lição. Por que não estudei e li sobre isto em algum momento? Seria bem mais fácil para mim agora. Estaria mais tranquilo porque teria consciência do processo todo e não sofreria tanto.

Permaneci olhando a decomposição de meu corpo e lembrei-me de uma história que ouvira quando criança, ainda que não de forma completa, mas que se assemelhava a esta cena. A história contava que, bem no meio de sua vida, um sujeito se encontra totalmente perdido em uma escura floresta, e sente que sua vida havia saído do caminho correto, da mesma forma que acontecera comigo. Não sabe para onde ir, mas decide que precisa sair da floresta o quanto antes para sobreviver. Vê à sua frente uma montanha e imagina que ela poderia ser sua salvação, mas ao tentar subir o

homem é impedido por três feras que o encaram e não o deixam subir, a fim de completar seu destino.

Uma mulher, que havia sido sua paixão de infância e que via tudo desde o céu, pediu a um poeta da Antiguidade chamado Virgílio para ajudá-lo, o qual propôs uma viagem: primeiro entrariam no inferno, atravessariam todo o mundo subterrâneo até encontrar Lúcifer, rumariam aos pés do purgatório e de lá partiriam rumo ao paraíso.

O homem aceita a proposta do poeta e o segue. Durante toda a longa viagem, Virgílio protege e guia o rapaz. Chegam à primeira parada e o poeta mostra ao sujeito os nove círculos do inferno, o sofrimento de cada condenado, as cidades, os demônios, os monstros e explicando onde os diferentes tipos de pecados são expurgados. No centro da terra encontram Lúcifer, do qual conseguem fugir por um caminho subterrâneo.

Fiquei pensando bastante nessa imagem e tentei vê-la semelhante com aquela que estava vivendo. Imaginei se haveria, em algum lugar do Universo, alguma paixão de infância que pudesse indicar-me um caminho e lembrei-me de que nunca havia amado nem correspondido a um amor. Tentei buscar em minha memória a existência de algum poeta antigo, o qual admirasse, para que pudesse guiar-me por esta estrada desconhecida, mas a falta de leitura e de estudo me revelaram que não conhecia ninguém. As três feras da história eram três aspectos negativos de mim mesmo e não me deixavam avançar.

Como não podia fugir para nenhum lugar, aceitei meu destino e permaneci parado, olhando minha própria decomposição, sem nada poder fazer para impedi-la ou para desviar o olhar daquela cena repulsiva e macabra. Pensei que a qualquer momento apareceria Lúcifer e me levaria a queimar no fogo eterno, rodeado por todos aqueles pobres infelizes, que, ao igual como eu, haviam transgredido as regras básicas da convivência humana.

Sofria muito com esta imagem e por um momento pensei que este seria o inferno e o meu sofrimento, a consequência dos pecados cometidos. Por mais que olhasse para todos os lados, o príncipe das trevas não apareceu nem mandou substituto para me levar.

12

Nada acontece...

Espero uma luz, um sinal...

Perdi a referência temporal.

Nem imagino quanto tempo passou desde o primeiro momento em que fui obrigado a assistir o apodrecimento de meu corpo. Só sei que fiquei liberado quando toda a carne havia desaparecido e só restavam os ossos.

Fiquei vagando e flutuando pela negritude infinita do espaço, tentando visualizar alguma coisa que me orientasse no caminho a seguir. Não vi nada, só a escuridão e a sensação de estar flutuando.

O tempo que havia passado olhando para meu corpo servira para refletir sobre muitas coisas da vida, pelas quais tinha passado. Sabendo que não existiam chances de voltar e escrever uma biografia diferente de mim, me limitei-me a tentar projetar outro comportamento, caso houvesse outra vida. Lembro-me de haver escutado alguns grupos religiosos falar sobre a reencarnação do espírito, mas nunca havia levado a sério porque não acreditava nisso.

Agora, no meio do nada, mais do que querer, eu necessitava acreditar em alguma coisa para poder sair do marasmo da morte, ou para melhor dizer, da não-vida. Nunca havia orado e nem sabia como fazê-lo. Tentei ensaiar algumas das orações que ouvira quando criança, mas não me lembrava de nenhuma. Tentei chorar no

desespero da situação, mas não podia. Tentei procurar algo que me distraísse, mas nada havia por ali a não ser a escuridão.

O tempo continuava passando inexoravelmente, mas não tinha nenhuma referência palpável; dias e noites eram todos iguais, meses e anos, também.

Depois que me desintegrei até ficar só osso, nunca mais tive a visão de nada. Tudo permanecia escuro e aquele sentido estroboscópico que me acompanhou por um tempo havia desaparecido. Não conseguia sequer saber onde estava. Havia descido ao inferno e possuía a vã esperança de seguir para o purgatório e depois para o céu como o fizera o aquele indivíduo da história. Embora meu comportamento não tivesse sido exemplar, achava que merecia uma segunda chance de reviver e de exercitar um novo modo de vida.

Sinto-me tão só na vastidão do cosmo que percebo ter sido abandonado até por Deus. Mesmo sem nunca haver acreditado nessa força superior em que os cristãos e religiosos acreditam, agora penso seriamente que não devia haver-me furtado a essa experiência mística da fé. Mesmo por comodismo deveria haver sido cristão ou professar qualquer outra religião que aliviasse meu sofrer. Quem iria imaginar o que nos reserva o futuro?

Os grandes místicos entram na chamada noite escura da alma, como aconteceu com São João da Cruz, cujo poema narra o caminho que a alma percorre desde o nascimento até a união divina e sua dificuldade em desapegar-se do mundo para alcançar a união com Deus.

Mesmo acreditando e tendo fé, a crise espiritual fez com que houvesse um sentimento de que o Criador permanecia ausente de sua vida. Isto aconteceu com o próprio Jesus Cristo, na hora derradeira, quando pendurado e pregado na cruz manifestou que Deus o havia abandonado...

Santa Teresa, São Paulo da Cruz, Madre Teresa de Calcutá, dentre outros, passaram pelo mesmo problema, persistindo nele, muitas vezes, anos a fio.

De repente, aqui estou eu - ou aquilo em que me tornei - tentando achar explicações para a escuridão em que estou mergulhado e fazendo comparações com pessoas santificadas, que foram exemplos de virtude e de bonança nas suas vidas; eu, um pobre pecador que nem sequer tive a felicidade de acreditar, que nunca procurei ser melhor, que sempre que tive oportunidades me desviei do caminho, que nunca respeitei ninguém, enfim, como ousou pensar assim?

Mergulhado nesses devaneios, algo me chama a atenção porque eu nunca fui capaz de pensar sobre estas coisas quando estava vivo, nunca estudei nem li um livro sequer, nunca conversei destas coisas com ninguém. Como eu poderia saber algum fato acerca do que estava falando e me questionando?

Então percebi que quanto mais tempo passava, mais eu sabia. Não sei explicar como, mas evidentemente sentia que sabia a cada momento, mais do que no anterior.

13

Vejo uma luz no infinito...

Rodopio em direção à luz.

Entretido no meio destes pensamentos nem percebi ao longe o brilho de um ponto de luz no meio da escuridão. Nem imaginava o que significaria aquilo, mas não fiz muitas elucubrações para não criar falsas expectativas. Mais tarde entendi melhor o que estava acontecendo.

Continuava pensando e minha mente - se é que podemos chamar de mente a aquilo que pensava em mim - continuava evoluindo até o limite do conhecimento. Não sei como sabia coisas que nem imaginaria saber, coisas das quais nunca tinha ouvido falar e que agora eram claras e transparentes como a água de um rio de montanha. Podia saber coisas históricas sem esforço e tinha certeza de que era a verdadeira história e não aquela estampada em livros de aula ou de leitura.

Sentia-me tão à vontade com esse aumento de conhecimento sem esforço que, por um momento, pensei que a vida real poderia nos oferecer o mesmo para não ter o empenho do trabalho de ler e de estudar. Quase que de imediato alguma coisa em mim me disse que esse pensamento estava errado, e que sem esforço nada podia ser conseguido na vida. Aceitei o fato sem titubear, o que era raro em mim.

Enquanto pensava e intuía conhecimentos novos, percebi que o ponto de luz aumentava de tamanho. Como não tinha nenhuma noção temporal nem espacial não poderia dizer se avançava em direção ao ponto ou se o ponto realmente aumentava de tamanho. Não sabia se estava quieto ou andando para algum lugar.

Sentia-me flutuar no espaço, mas não podia afirmar se estava indo em alguma direção. Tinha a sensação de que caminhava ao encontro do ponto, mas só era uma suposição já que não havia nenhuma referência exata que servisse de comparação.

De repente, sinto uma turbulência, uma espécie de sacudida e começo a girar em torno de mim mesmo como em um voo de avião descendo em parafuso. Giro incontáveis vezes e penso que vou sentir tonturas, mas lembro de imediato que não tenho um corpo para senti-la. Deixo-me arrastar pela força oculta que me impulsiona para frente e posso ver que realmente estou indo em direção ao ponto de luz.

Vejo então que ele vai aumentando de tamanho e em pouco tempo já não consigo distinguir seus contornos. Continuo voando, girando e me dirigindo ao centro dessa luz, enquanto uma sensação de plenitude preenche todo meu ser. A paz é tão grande que chega a doer. Todos os sentidos que possuía quando vivia e que tantas dificuldades me causaram pela minha formação e modo de vida, desapareceram dando lugar a um estado de beatitude sem igual que não podia comparar com nada.

A louca corrida detém seu movimento e novamente me encontro flutuando - agora na luz, na claridade total, na mais plena felicidade. Parece que cheguei a casa novamente, depois de uma longa jornada.

Fiquei pensando no fato de que, durante todo este tempo em que passei por estas experiências, nunca me encontrei com ninguém. Sabia que muitas pessoas morrem no mesmo instante e imaginei que pudesse encontrá-las na minha caminhada para trocar ideias acerca da experiência de cada um, mas era uma ilusão da mente física já que o caminho de ida, de volta e nossa própria vida na terra se processam individualmente. Todos estavam ali, mas ninguém via ninguém mesmo que estivéssemos no mesmo tempo e no mesmo espaço. As vibrações de cada um eram diferentes das do outro, desta forma não havia ressonância para o encontro e isso raramente acontecia no plano em que estávamos agora.

14

**De repente, o grande clarão,
o conhecimento total...
...e o vazio!**

Tão bom estava este lugar e tão repousado me sentia que me demorei em tomar conhecimento da situação. Era como se estivesse dormindo ou no lusco-fusco entre o sono e a vigília, naquele torpor preguiçoso que nos convida a permanecer assim por horas a fio.

Creio que abri os olhos ou alguma coisa parecida, já que não tinha corpo físico, porque a claridade me ofuscava de tal forma que não conseguia ver nada além da luz. Tentei acostumar-me com a nova situação e imaginei que, pelo fato de haver vindo da escuridão, a luz machucava-me mais. Sabia certamente que não tinha olhos anatômicos no cabal sentido da palavra, mas igualmente estava ofuscado.

À medida que a claridade se dissipava e que não me machucava mais, ou que de fato estava me acostumando a ela, fui percebendo que a única diferença entre meu endereço anterior, de escuridão total e este, era a luz, já que o vazio era o mesmo e a sensação de flutuar continuava igual à de antes. Devo aqui corrigir o que disse na ocasião em que comparei a luz e a sombra, porque a mínima presença de conhecimentos nas trevas e a quantidade de saber que havia na luz era a diferença

mais marcante, deste modo eu associei o conhecimento à luz e nunca separei os conceitos para poder entendê-los melhor.

Quando percebi o que estava acontecendo, não conseguia mais separar o todo de mim. Creio que fui me fundindo com o meio e me dei conta de que meu ser não era mais o mesmo. Dei-me conta de que sabia tudo o que quisesse, conhecia o início e o fim, podia ver o presente, o passado e o futuro como em um filme - mesmo que às vezes o porvir se tornasse difícil de entrever como fiquei sabendo depois, e podia fazer um exame retrospectivo de minha vida com luxo de detalhes, lembrando cada pequena coisa que na minha vida houvesse acontecido, com muito mais detalhamento do que havia feito antes, na hora da passagem.

Nesse estado podia ver tudo, saber tudo e sentir tudo, mas não conseguia entender o que estava acontecendo. A luz havia substituído a sombra e a relação de continuidade continuava sendo infinita. Não consegui ver limites e parecia que nunca haveria nada material que pudesse ser visto ou sentido. No início, pareciam nuvens de luz, mas depois percebi que eram ondas luminosas que se mexiam em todas as direções. Procurei alguém, mas não encontrei e bem mais tarde entendi o porquê.

Agora que podia tudo, tentei tirar algum proveito dessa situação, mas lembrei de imediato que já havia feito isso na terra, quando vivia, e não havia dado certo. Além do mais, sentia como que um fluxo e refluxo que entrava e

saía de mim e se misturava com o restante. Observando cuidadosamente, eu podia ver que estava igualmente constituído de luz, de partículas, de vibração.

Tampouco sei quanto durou isto. O tempo nesse lugar não fazia o menor sentido. Acostumados na terra a olhar para o relógio antes e depois de fazer qualquer coisa, regemo-nos pelos ponteiros que inexoravelmente avançam no sentido horário e não percebemos que nós somos muito mais do que a referência de tempo... ou deveríamos ser, pelo menos.

Isto me trouxe à lembrança de que, na tentativa de deter o tempo, quando era adolescente invertia a numeração do relógio com um novo desenho para que, à medida que os ponteiros avançassem, a numeração diminuísse. Era um subterfúgio que utilizava para fazer o tempo retroceder. O interessante é verificar que as coisas parecem fáceis na existência, mas na essência tudo é diferente.

Lutamos denodadamente para ter mais tempo e depois não sabemos o que fazer com ele. Atuamos como o avaro que junta o dinheiro desmedidamente, acumula-o, guarda-o sob sete chaves e não o aproveita para nada, perdendo-o depois para nunca mais tê-lo.

Falo aqui do tempo porque é importante destacar que o parâmetro que normalmente usamos de horas, dias, meses ou anos, aqui não podemos utilizar. Por aqui nada envelhece, nada se deteriora, nada tem prazo, enfim, não existe o tempo como medida. E se formos juntar o espaço

como conceito, chegaremos à mesma conclusão. Não há limites. Não há acima e abaixo, à frente e atrás, à direita ou à esquerda. Por aqui tudo é...

A ciência fala nos quatro pontos cardeais porque nunca descreveu esta teoria enquanto flutuava. Neste estado, quando você gira, o esquerdo pode se tornar em cima e o norte pode se tornar sul. Não há diferenças espaciais, então podemos contar pelo menos seis pontos cardeais, norte, sul, leste, oeste, acima e abaixo, sem contar a dimensão tempo, o que multiplica por dez as possibilidades espaço-temporais.

Enquanto pensava nisto, tentava verificar se havia alguma coisa a fazer para não ficar entediado olhando para o nada e sem nenhum tipo de ação. O único movimento que sentia era o entrar e sair de ondas de luz que permeavam tudo. Desejei firmemente que algum evento mudasse o marasmo de estar aí. Desejei poder entender o que estava acontecendo. Estava ávido por informações mais claras, já que o conhecimento das coisas eu já tinha, mas não sabia concatenar as ideias.

15

Ao longe, algo se aproxima lentamente...

...olhando fixo para mim.

Absorto em pensamentos e ideias nem vi que algo se aproximava de mim. No início, parecia uma sombra luminosa, longínqua, que parecia vibrar numa frequência diferente do resto. Isto lhe conferia características quase humanas, mas não se podia distinguir o rosto nem outro atributo que lhe fosse próprio e que me fosse, ao menos, familiar ou conhecido para identificá-lo.

Foi chegando lentamente, como se não tivesse pressa nem motivo para acercar-se mais rápido. Depois entendi que, no conceito do espaço-tempo em que nos movemos, sendo a distância e o próprio tempo relativos, a velocidade - que é uma relação entre os dois - não pode ser medida e depende exclusivamente da percepção do observador, sendo também relativa como ideia.

Fui compreendendo ou intuindo que a mente humana que possui uma capacidade intuitiva de pensar deveria ser trocada por outra forma de cognição, uma mente virtual, adequada ao momento em que se vive atualmente. Com a antiga mente encerrada em um corpo físico não poderia entender nada do que estava acontecendo. Fui entender tudo isto, que me perturbava o espírito e que não me deixava raciocinar direito, depois, quando me foi explicada a maior parte daquilo que neste momento não percebia.

Quando me dei conta de que o tempo, o espaço e a velocidade nessa dimensão não eram importantes, no mesmo instante a figura que se aproximava lentamente já estava ao meu lado. Mais uma que aprendi! Quando você relaxa sua própria mente, as coisas acontecem simultaneamente; tempo e distância passam a ser conceitos inúteis e não fazem sentido algum quando se quer comparar a eficácia e o resultado de um evento. Lembrei-me de haver visto na livraria o livro de Fernão Capelo Gaivota, que explicava que quando ele transcende o mundo físico, consegue deslocar-se a qualquer lugar do universo só com o pensamento e em tempo real. Nunca havia lido o livro, mas por alguma razão, sabia que era assim com tudo.

A figura à minha frente parecia um rodaminho de partículas, e vou tentar explicar com as palavras que tenho à mão, como percebi o que era. Não era fácil ver e entender o que estava acontecendo, porque são coisas muito diferentes daquilo que costumamos notar quando pensamos com nossa mente normal e vemos com nossos olhos humanos.

Como disse antes, o ambiente era todo luminoso e carregado de partículas, como se fosse um coloide, uma solução levemente viscosa com numerosas partículas flutuando e movimentando-se em todas as direções como se fosse uma espécie de movimento browniano, aquele da física das partículas. Esses fragmentos eram de energia, de luz, num ambiente luminoso. O fundo onde estavam mergulhadas era claro e elas se diferenciavam

porque possuíam uma claridade de diferente tom, e que depois soube que era devida a diferente vibração entre elas. Como entendi depois, tudo é vibração.

A figura que se havia aproximado tinha forma humana, com pernas, braços, tronco e cabeça, só que também era constituída de uma forma diferente de luz, outro tom que se destacava do resto e formava esse esboço de ser que se movimentava normalmente como se estivesse realmente caminhando. Eu sabia que não era real e não consegui entender o que era, mas esperei para saber.

O indivíduo se postou à minha frente e olhou para mim fixamente. Seus olhos eram um tanto familiares e alguns traços na face me fizeram ter certeza de que eu o conhecia de algum lugar. Como era muito difícil de visualizar, já que não tinha linhas definidas, acabei desistindo de procurar defini-lo. Tentei buscar na minha memória colegas de escola, de trabalho ou de farra, mas não me lembrei de ninguém em particular.

Conste que, quando falo em olhos ou traços, não são constituídos por matéria física organizada, mas pelas diferenças vibracionais nas partículas que compunham o pacote da unidade que se evidenciava à minha frente.

Percebendo minha expressão de desalento, disse-me que tentaria me ajudar a entender, mas que embora eu ficasse chocado com as revelações que iria receber, não deveria apressar-me para tirar conclusões.

16

Sou “Eu” mesmo que venho ao meu encontro.

...Sonho?

Não ouvi as palavras pronunciadas pelo ser, mas as intui. Era uma espécie de comunicação telepática, de mesma forma que todas as informações e conhecimentos que adquiri nesse tempo. Lembrei-me da frase bíblica do Evangelho de João: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus"; era o verbo que ressoava, antes de qualquer manifestação física. Nunca havia lido a Bíblia mas sabia tudo o que ela dizia e agora se fazia presente em cada situação que vivia.

O ser me disse que se prestasse um pouco de atenção à sua figura perceberia que havia muita semelhança comigo mesmo. Olhando melhor, achei que tinha razão, que era muito parecido comigo, como se eu estivesse me olhando num espelho, e quando olhei meu próprio corpo, pude comprovar que ele também era constituído de luz e não tinha forma definida nem delimitada, como antes, na terra. Ele me disse que realmente era eu mesmo, em outra dimensão, que existiriam muitos "eus" iguais a nós já que todos éramos um, o mesmo, e que faríamos juntos um exame retrospectivo de tudo o que tinha ocorrido até agora. A forma adotada pelas figuras dos "eus" era a que cada um quisesse escolher e não fazia nenhuma diferença, já que no plano da energia pura a forma adquirida depende do que cada um pensa que é ou de

como se vê a si próprio. Se acharmos que somos humanos, adotaremos a forma humana, mas poderia ser qualquer outra forma.

Parecia um sonho que eu estivesse falando comigo mesmo, mas o ser à minha frente me disse que era possível, então tive que acreditar e tentei entender tudo da melhor maneira possível. Sabia muitas coisas, mas não entendia a maioria delas. O meu interlocutor iria me esclarecer tudo, assim esperava.

Começou dizendo que parte do meu eu, minha alma, estava viva, mas por pouco tempo já que ao misturar-me com o todo perderia os atributos de minha consciência individual. Explicou-me que o ser humano é constituído por três corpos: o físico, o anímico e o espiritual. O primeiro desaparece em pouco tempo após a morte física. O segundo, que compreende a emoção e o pensamento, demora mais para desaparecer embora tenha um limite temporal, e o terceiro, o espiritual, é realmente imortal e eterno. Ainda que eu já soubesse tudo isto, fazia muito bem ouvi-lo de outro, mesmo que fosse de mim mesmo em outra dimensão.

Ao morrer - continuou, o corpo físico parece quase que imediatamente, entendendo por morte à detenção das funções que conhecemos como vitais. Nada mais funciona, a respiração cessa, os humores deixam de ser produzidos, o sangue coagula nos vasos sanguíneos, a ligação com o pensamento físico desaparece aos poucos até cessar completamente.

Há um fio invisível que liga o corpo físico ao anímico e no momento da morte ele se rompe, e a emoção e o pensamento adquirem força própria. Já não comandam mais o corpo, mas são livres para irem onde quiserem dentro dos limites do possível. Este corpo anímico dura mais um tempo e começa a desaparecer aos poucos.

Fez uma pausa que me pareceu um século e pensei em perguntar a ele - que era eu mesmo - como definiria o espírito, mas como que adivinhando meu pensamento ele manifestou que este corpo especial é a ligação do humano com o divino, a manifestação material do Criador, do Todo, para possibilitar a vida e sua eventual evolução. Com as explicações que receberia mais tarde poderia entender melhor.

Disse que a vida na terra era uma manifestação divina para adquirir e concretizar mais conhecimentos e somá-los aos que já existiam, para constituir a grande consciência universal, o Deus dos humanos, o onisciente, o onipresente, o onipotente. Na realidade, cada partícula das que eu percebera ao meu redor eram partículas de ideias concretas e conhecimentos e nós estávamos mergulhados nelas. Seria eu também uma soma de partículas de conhecimento? Com minha parca história de vida, teria acrescentado alguma coisa ao Todo? Por enquanto, até perceber melhor, teria que entendê-lo desta forma.

Ao compreender que eu queria perguntar alguma coisa para ter certeza daquilo que estava ouvindo, ele disse

para ter calma. Teríamos todo o tempo do Universo para entender tudo e conversar sobre dúvidas e certezas. Lembrei-me do conceito do tempo e concordei com ele.

Parecia que a cada pausa, ele começava tudo de novo. Pedi-lhe para ter uma sequência racional para poder entender a história e ele me disse que tentaria. É muito difícil perceber as coisas quando se trata da própria existência. Uma vez, quando estava vivo, tive contato com um psiquiatra, devido à minha profunda depressão e ele me compelia a pensar e analisar tudo o que pudesse sobre mim mesmo a fim de achar a cura para meus males. Lembro que achei muito difícil e de certa forma, irritante, já que falar sobre si custa um sacrifício enorme e muitas vezes é impossível.

Continuou dizendo que a matéria era toda constituída por partículas e que a maior ou menor densidade dela se devia ao estado vibracional próprio de cada evento material. A relação entre a amplitude, o período e a frequência da vibração é o que define o tipo de matéria. Em nosso caso, passamos de um estado vibracional condensado para um outro estado relaxado, no qual permeia o Todo e o Um. Neste estado dimensional nada interfere com nada e a soma do Um compõe o Todo. O Um desaparece como individualidade e todos eles formam o Todo indivisível, mas progenitor de novas unidades formadoras de vida.

17

Diálogo profundo comigo mesmo.

Começo a entender...

“Eu” me explico os fatos.

Chamei este capítulo de diálogo porque a conversa envolvia dois seres. Todavia, falando “eu” comigo mesmo, deveria chamá-lo de monólogo - duas partes do mesmo ser em profunda reflexão. Mas como não achasse adequado decidi manter a palavra. Tudo o que estava acontecendo era insanidade pura, mas não tinha nenhuma alternativa a não ser aceitar os fatos como se apresentavam e esperar pelo fim.

Para explicar melhor e clarear meu entendimento, ele me disse que no início do novo ciclo havia um ponto infinitesimal no abismo absoluto que era o nada, o Imanifestado que não era, e que de repente explodiu expansivamente com o objetivo de se manifestar, de ser. Sem entender bem nem fazer uma ideia concreta de como seria, imaginei que um ponto minúsculo de pura energia estivesse como que dormindo no nada e explodisse em um dado momento e se expandisse pela nulidade do espaço. À medida que avançava e ganhava terreno em todas as direções possíveis, criava à sua passagem um mundo energético e semimaterial que se consolidaria com o passar do tempo. Isto, é claro, não explicava que se no nada pudesse haver um ponto de energia, mesmo que infinitesimal, isto já seria algo.

A própria expansão a partir do nada iria para onde? Se partirmos da suposição de que o nada é a ausência de tudo, como poderia haver expansão? Minha cabeça - se podemos chamar de cabeça ao pensamento que me consumia - pensava desordenadamente e não conseguia racionalizar as coisas que passavam por ela.

Tentei lembrar-me das aulas de física e de filosofia que tivera na minha adolescência com o objetivo de descobrir mais alguma coisa sobre o assunto, mas imediatamente adverti de que nunca havia estudado seriamente nem prestado atenção nas aulas e isso me colocava no nível dos ignorantes desinformados por escolha própria. Lamentei o fato e tive uma espécie de arrependimento, mas era tarde para isso.

Como que sabendo o que estava pensando, ele me disse que era isso mesmo, não tão simples como o havia pensado, mas que a ideia era essa. O nada incriado se autogera e gera espaço à sua volta para caber nele. As leis da física da terra não conseguem racionalizar esta questão porque faltam elementos de análise para conseguir entender. É importante ressaltar que a vibração gera o número e o número gera a possibilidade de ser. Tudo na vida é vibração e número.

As cores que conhecemos e que afetam nosso ser são formadas por diferentes tipos de vibração. Nossas preferências por cores são ressonâncias de vibração, como pintamos nossas casas, a cor com que nos vestimos, as pinturas que usamos para desenhar figuras,

tudo é vibração. As notas musicais que tanto servem para apaziguar nosso dia e trazer-nos a calma ou, preparar-nos para a guerra, também. Os mantras sagrados, os gritos das torcidas organizadas, os cânticos de natal, fazem-nos reverberar junto com eles. As ondas eletromagnéticas que nos explicam a Ressonância Schumann, os números Pitagóricos que explicam criação natural do mundo, a espiral de Fibonacci e sua aplicação na criação da natureza, enfim, tudo nos fala de número e vibração. Chegará o dia em que o homem na terra entenderá o real significado deste axioma e verá sua própria evolução sofrer um enorme salto quântico.

Sendo que neste estado de coisas o conhecimento era automático e real, ele me convidou a deixar o pensamento linear que trazia da vida na terra e que deixasse fluir minha vontade livremente para poder aceder ao conhecimento real, por presença, sem racionalização, para poder entender melhor.

Como eu não sabia como fazer isto, ele me explicou que assim que meu corpo anímico expirasse seria muito mais fácil saber e entender tudo. Perderia a razão e a emoção que trazia da terra, mas ganharia a intuição e o mental superior que nos liga ao divino. Faltava pouco, mas ele queria preparar-me para a passagem, pois segundo disse, muitas vezes era dolorosa. Esta seria minha própria morte, a verdadeira, a que me evidenciaria que não mais era eu, mas o todo. Claro que tampouco entendi direito, mas esperei para ver os resultados.

18

Mais diálogos comigo mesmo.

As coisas começam a clarear...

Olhava para ele e para mim simultaneamente e podia ver as semelhanças em nossos corpos energéticos. A diferença das partes que compunham o corpo era como uma vibração diferente em meio ao total de partículas que faziam parte do elemento em questão. Não havia uma delimitação real, mas na interface entre o corpo e o meio se encontrava uma tênue linha imaginária que os separava. Lembrei-me de quando na aula de físico-química o meu professor mandava agitar um frasco fechado contendo água e óleo. Formavam um coloide no início, mas em seguida se separavam e, mesmo que os dois fossem líquidos, o óleo flutuava na água e permanecia separado. Com a explicação anterior comecei a entender os processos vibracionais e as diferenças sutis entre eles que nos fazem perceber realidades diferentes.

Meu interlocutor havia-me dito que todas as partículas que aqui existiam eram de conhecimento, mas com o pensamento humano não conseguia racionalizar como seria um universo de conhecimento e como estaria constituído. Tentei seguir seu conselho e relaxei tentando não pensar mais no assunto e quase que imediatamente percebi um sorriso em seu rosto energético. Disse-me então que estava começando a perceber o fato e tomar jeito para o aprendizado.

Voltamos ao tema inicial quando falou sobre a expansão universal e me pediu para imaginar que espaço e tempo não existissem de verdade. Sendo assim, a matéria estaria em estado de repouso eterno e não haveria movimento algum. Isto foi comentado por quase todas as religiões do mundo e este estado de quietude e imutabilidade foi chamado de Deus ou outros nomes em diversas religiões, mas que simbolizam o mesmo princípio.

Se Deus é imutável e sua manifestação física é o que conhecemos como existência, tanto mineral, como vegetal, animal ou hominal, houve que acrescentar o fator espaço-tempo para conseguir viabilizá-la. Antes de começar a expansão, não havia espaço nem tempo. Era o nada imanifestado. Tudo foi simultaneamente autocriado a fim de viabilizar a experiência divina que culminou no que conhecemos hoje como Universo.

Manifestação e Imanifestação no Universo ocorrem periodicamente, disse, de forma que no primeiro caso há uma grande expansão e no segundo, uma grande contração para chegar ao ponto infinitesimal do nada. É cíclico e ocorre de forma ininterrupta através da eternidade. A experiência serve para aumentar o conhecimento e a sabedoria do todo.

Eu ouvia em silêncio e tentava não interromper; havia decidido deter meu pensamento habitual, então não pensava em nada e as coisas estavam ficando muito mais claras para mim.

19

A conversa continua e “eu” entendo muito mais.

A única coisa que importa agora é que eu mesmo tome consciência do Todo e mergulhe definitivamente no conhecimento total para poder seguir meu caminho. Nem imaginava qual seria meu destino futuro, mas não importava. Estava aprendendo e entendendo muito mais nesses poucos instantes do que em toda minha vida anterior.

Novamente meu interlocutor esboçou um sorriso e me perguntou se tinha ideia de quanto tempo havia passado desde minha passagem a este estado de consciência. Lembrei-me que o tempo e o espaço eram relativos e não me importei em saber, mas ele me disse que já haviam passado mais de 60 anos terrestres. Em todo caso, ninguém tinha pressa e o tempo era nosso aliado.

Ele continuou falando e explicando que após a primeira explosão muitos anos se passaram, antes do aparecimento de qualquer tipo de vida. Primeiro houve a consolidação da matéria que era a própria energia em repouso e assim foram se formando estrelas, planetas e outros corpos celestes que habitam nosso Universo.

Nem sempre e tampouco em qualquer lugar, as condições de vida estavam estabelecidas, pois se assim fosse haveria uma saturação vital devido a mecanismos próprios de autosustentabilidade, e o Universo correria perigo de se autodestruir.

No início, o Universo era exclusivamente mineral, formando-se todo tipo de elementos e alguns compostos químicos isolados, muitos dos quais o homem ainda não conhece e nem sequer imagina que existam. No processo de formação da matéria, a energia primordial foi se esfriando até solidificar-se completamente, mas de forma centrípeta, da crosta em direção ao núcleo, muitos dos quais permanecem em estado energético puro. O processo ainda continua e a expansão Universal um dia vai finalizar e começar a contrair-se.

Em condições especiais de possibilidades, muito pequenas e bem raras, alguns dos minerais foram se constituindo em elementos maiores, se ligando-se em caprichosas formas, conformando o que conhecemos como moléculas orgânicas que possuem determinadas características e, finalmente, agrupando-se entre elas para formar primeiro seres unicelulares chamados de protistas e depois seres vegetais inferiores e superiores, assim chamados por possuírem, além do mineral, um rudimento de sistema neurovegetativo que se consolidou com o tempo. Este sistema controla as principais funções involuntárias da vida vegetativa, circulação, secreções, excreções e outras. Aqui já existe vida própria e começa a aparecer o princípio de reprodução, ausente no reino mineral.

Nessa época, o Universo não possuía OXIGÊNIO livre, mas era rico em HIDROGÊNIO. Basicamente existia AMÔNIO, metano, vapor de água e HIDROGÊNIO. A falta de OZÔNIO nas camadas superiores da atmosfera e o

constante bombardeamento da superfície da terra com vários tipos de raios cósmicos permitiram propiciar estas condições. Isto que parece química ou biologia escolar serve para exemplificar melhor a situação.

O vapor de água se condensava e chovia sobre as pedras quentes, evaporando e precipitando novamente, e assim sucessivamente, até a crosta esfriar e não mais evaporar, dando origem a rios, lagos e oceanos.

As radiações e descargas elétricas das tempestades fizeram com que algumas ligações químicas fossem desfeitas e outras surgissem, aparecendo assim novos compostos na atmosfera, alguns dos quais orgânicos, como os aminoácidos, por exemplo.

Quando os aminoácidos e outros compostos foram arrastados pelas águas até a crosta ainda quente, alguns compostos orgânicos combinaram-se entre si, formando moléculas maiores e depois agregados moleculares.

Desta forma, a vida foi evoluicionando partindo de átomos e moléculas, para logo depois constituírem células, tecidos, órgãos e sistemas, até chegar ao conceito de vida que conhecemos hoje.

Depois que a vida vegetal povoou a parte do Universo propícia à vida, foi a vez do reino animal. A diferença na constituição física entre ambos reside na mobilidade e no primeiro esboço de instinto e emoção. O animal pode se locomover e seus sistemas respiratório e circulatório são constituídos de forma diferente para possibilitar sua ação. O sistema reprodutor se especializa e a procriação passa

a ser dependente da ação sexual direta. Devemos notar que o reino animal é composto pelos dois anteriores, o mineral e o neurovegetativo.

Mas a obra ainda não estava completa. Faltava a inteligência e a razão para dotar o Todo da experiência que somente estes dois elementos são capazes de fornecer: o conhecimento. Desta forma, a evolução se aprofunda e aparece na face da terra o ser hominal. Ele é igual ao ser animal, mas dotado de razão. Da mesma forma que o anterior, contém em sua estrutura todos os reinos anteriores: o mineral, o vegetal e o animal, acrescido agora da capacidade de pensar e raciocinar.

É importante destacar que à medida que os reinos vão se adequando às realidades que o mundo lhes apresenta, o período vital vai diminuindo no tempo por motivos que vamos analisar. O reino mineral permanece inalterado por muitos e muitos anos, devido a sua essência. O reino vegetal perdura por muitos anos também, mas limitado no tempo, chegando a ter várias centenas de anos. O animal, em função da própria vida de relação, diminui drasticamente seu período vital, Da mesma forma que o humano, o que permite que a experiência de aquisição de conhecimento seja mais dinâmica e com maiores possibilidades de intercâmbios.

20

Como o ser hominal se destacou nesse meio.

Eu estava fascinado escutando a mim mesmo, embora em outro estado físico, e imaginando que deveria haver sabido tudo isto antes, quando estava vivo, mas não tinha consciência deste conhecimento - mesmo que meu interlocutor me dissesse que a consciência existia, mas escondida, em todo subconsciente humano. Se tivesse alcançado a mais mínima consciência, poderia considerar-me um gênio e aproveitaria o fato certamente.

Afastei logo os pensamentos que me levavam de volta à vida terrestre, e mais quando comecei a imaginar as notas que teria na escola sabendo tudo o que sei agora, e como teria mudado minha vida; um movimento voluntário desfez o pensamento e fiquei novamente na quietude, tentando absorver mais do que ele teria para contar.

Disse que, no início, a vida para o homem foi hostil, com muitos perigos, tendo que valer-se do instinto que trazia do reino animal para poder sobreviver. Antes mesmo de plasmar a semente de pensamento lógico e racional que seria sua característica principal, teve que lutar para prevalecer nesse meio agressivo que tentava eliminá-lo, por competitividade.

O pensamento –continuou- deu-se por consequência direta, ao ver que precisava de ferramentas para caçar e depois para cultivar a terra perto de sua casa a fim de evitar ter que sair para buscar alimentos mais longe e

arriscar-se a ser atacado de surpresa por outros animais. Assim a história continua, sendo bem conhecida por todos, já que a evolução se deu desta forma singular. Falar de religiosidade e de crenças seria entrar num campo muito subjetivo, já que os diversos grupos humanos adotaram diferentes posições em função direta do meio em que se encontravam.

O homem racional, pensante, investigativo e criativo apareceu bem depois; guerras surgiram como forma de dominação territorial, insídias políticas e econômicas cruzaram o planeta objetivando conquistas e poder, ritos religiosos espalharam destruição em nome do Criador, países contra países se enfrentaram para aceder ao mando de forma dominativa, pais contra filhos, irmãos contra irmãos, mas tudo isto faz parte da evolução humana e de alguma forma acrescenta conhecimento ao Todo. Onde vai parar tudo isto ninguém sabe, já que a evolução se processa pontualmente em meio a possibilidades infinitas, todas reais e factíveis.

Disse ainda que a ideia do bem e do mal são criações da mente humana assim como o certo e o errado. Para o Todo importa a experiência cognitiva que vai possibilitar a aquisição do conhecimento universal, antes da grande contração. E note bem que não é o tipo de conhecimento que estamos acostumados a utilizar, é um tipo diferente, puro, desprovido de interesses, ávido de ser.

21

O homem é o único ser pensante?

Imaginei que os vegetais e animais existissem para servir ao homem, já que aparentemente ele seria o único ser pensante. Ele me disse que não, que cada ser dentro de seu reino específico cumpria uma missão. Mesmo sem pensamento, os vegetais e os animais colaboravam com o Todo de uma forma diferente, por sensibilidade, por instintividade e por presença. O homem se servia deles, achando-se um ser superior, de uma forma devastadora, fazendo um grande mal ao planeta.

Toda esta explicação já era conhecida de certa forma, mas estava muito mais claro e podia concatenar as ideias fazendo um exame da minha própria experiência e sentindo um pouco de vergonha por não ter contribuído com muita coisa para o conhecimento universal. Meu interlocutor me disse que não me preocupasse com isto já que a experiência se conta no período integral de existência real e não de forma isolada. São necessárias várias experiências para completar um ciclo.

Devo haver colocado cara de surpresa porque ele me disse que iria entender todo o processo. Devia ter calma.

Continuou dizendo que a natureza propicia tudo o que os seres vivos precisam, melhor dizendo, a natureza é composta por todos os reinos conhecidos, e não fiquemos surpresos se aparecer na face da terra ainda outro reino que nem imaginamos que possa existir mas que pelas

probabilidades universais tem muitas chances de acontecer. Não podemos afirmar nada sobre isto porque nos é dado conhecer o passado e o presente, mas como o futuro é composto de infinitas possibilidades, ninguém pode saber ou prever qualquer coisa e seria fora de propósito tentar adivinhá-lo.

A roda da existência e da não-existência gira sem parar e a todos nós é dada a possibilidade de recomeçar, a fim de ganhar novas experiências. Em cada instante de consciência vital temos a obrigação de acrescentar ao Todo tudo aquilo que sejamos capazes de proporcionar. Há um nível de compensação a partir do qual a experiência de manifestação cessa para existir como uma consciência pura, estado energético superior que vibra em um patamar diferenciado, preparando a grande contração.

Como exemplo prático, que todos conhecem, podemos considerar o Todo como a grande Internet universal, onde pode ser encontrado todo ou a maior parte do conhecimento que a mente humana é capaz de conceber, formado pela contribuição de todos em sua medida e revisado permanentemente em função do uso. Na terra, todos os homens podem acessar a Internet, mas nunca vão conhecer a totalidade das informações que contém. Do mesmo modo, todos os seres espirituais que fazem parte deste mundo onde nós estamos também podem consultar o Todo, mas sendo parte integrante direta dele mesmo, possuímos toda a informação e conhecimento disponível enquanto permanecemos neste nível.

Como expliquei antes, o conhecimento é acessível pelo ser espiritual e como quando estamos vivos temos ess

e ser à disposição, poderíamos usá-lo para acessar os dados que quiséssemos. Pelo fato de vivermos na carne, como se diz vulgarmente, e de postergarmos a prevalência do ser espiritual, afastamo-nos do Todo e da suma do conhecimento. Alguns seres humanos têm consciência disto por ouvirem dizer e se aferram a diversas religiões ou grupos religiosos que tentam a salvação da alma pela aproximação de Deus.

Temos que aceitar o fato, já que a experiência é individual e cada um tem que encontrar a resposta por si só. Ninguém pode interferir, já que quebraria o princípio de autonomia de aprendizado e teria pouco ou nenhum valor o resultado disto.

Há muitas formas de aproximar-se de Deus ou de realizar a união divina, mas não devemos achar que as práticas religiosas recomendadas atualmente tenham muito efeito na consecução dos fins propostos.

Vou agora exemplificar com palavras humanas como se processa o nascimento e a morte do homem, de uma forma figurada, para que você entenda melhor.

22

Como se processa o nascimento e a morte.

Não posso dizer que estava de boca aberta porque não tinha uma boca para abrir, mas imagino que o campo de vibração energético que me constituía estava oscilando de uma forma peculiar já que ele percebeu no mesmo instante. Disse-me que todos os que chegam por aqui se comportam da mesma maneira ao A princípio, mas depois se acostumam e passam a ver o aprendizado de forma natural e sem sobressaltos.

Começou falando sobre as características de uma estrela, fazendo comparação com o Todo. Disse-me que considerasse o sol do sistema solar do qual faz parte a terra em que vivia em que vivia como sendo o Todo e que cada raio fosse uma manifestação desse sol, mesmo que em escala reduzida. Para ter uma ideia melhor de como diferenciar um raio, convidou-me a imaginar uma placa escura colocada na sua frente e me pediu para fazer um orifício no meio, o menor possível. Feito isto, eis que aparece um raio, como forma de manifestação neste plano.

Pois bem, consideremos que esse raio que sai da placa é uma vida. Ela se comporta isoladamente da fonte mesmo que permaneça ligada a ela. Embora o raio nasça do sol, depois que passou pelo orifício não tem mais consciência de sua origem, a não ser em situações especiais, como poderemos ver depois. Vamos então

convencionar que a estrela é a essência e a resultante do raio, a existência. O raio ilumina à sua volta e mostra uma realidade tal que, se não estivesse, seria totalmente diferente. Esta é a manifestação da vida.

Façamos agora centenas, milhares, milhões de orifícios na placa, e imaginemos que a vida individual se espalha sobre os objetos iluminados e que estes raios tenham a capacidade de memorizar tudo o que tocam. À medida que os objetos se movem, já que nada é estático a não ser o Todo, os raios vão adquirindo mais e mais experiências e memorizando-as. Isto pode ser um exemplo claro de como se processa a vida, mas em termos figurados, como forma de esclarecimento.

A quantidade de vidas que existe é proporcional aos orifícios abertos na placa. Podem ser mais ou menos, sendo regulados pela consciência do Todo, conforme sua necessidade de expansão.

Cada raio ilumina e abrange uma zona útil, de acordo com o tamanho do orifício que o deixa passar, de tal forma que um orifício pequeno iluminará poucas coisas e um orifício maior alcançará uma área também maior. Isto pode ser comparado à ação dos homens sobre a terra, podendo ser restrita ou ampla, chegando a poucos ou a muitos, vivendo simplesmente ou fazendo a diferença pela ação desenvolvida na terra.

Isto não tira méritos de ninguém, já que todos terão a oportunidade de conseguir um patamar maior de alcance

pessoal, conforme a experiência de vida vai acontecendo, em relação ao tempo que durar a mesma.

Continuou dizendo as coisas de uma maneira tão didática que parecia que um véu houvesse sido retirado de meus olhos, até agora fechados. Pela capacidade que tinha de explicar, imaginei que o orifício dele na placa fosse enorme, mais aí lembrei que ele era "eu" mesmo e não parecia que o orifício que me dera origem fosse tão grande assim, já que minhas ações na terra eram parcas ou ao menos, discutíveis. Ele sorriu de novo e me disse que não me preocupasse com essas coisas porque haveria de entender que o comportamento do raio, de um lado e do outro da placa, era diferente e único.

Quando um orifício na placa é tampado, o raio da fonte deixa de passar e a manifestação cessa. O raio, carregando as informações que traz do lado existencial, amalgama-se com o Todo e lhe acrescenta esse conhecimento que será processado e guardado em lugar seguro. A este processo chamamos de morte, mas temos que entender que ela realmente não existe a não ser na forma física, na manifestação. Há uma mutação de estado, mas a essência vital continua unida ao Todo, como no exemplo do sol, que estamos explicando.

Depois que o raio desaparece do lado existencial da vida, sobra um fulgor por alguns instantes, como um espectro da luz que existia e que o olho humano percebe como um rastro até desaparecer. Fica a imagem dos objetos iluminados na retina e aos poucos vai

desaparecendo junto com o fulgor. Isto representaria o corpo anímico das pessoas, guardadas as proporções de intensidade e de tempo sendo exatamente o momento que em você se encontra agora, uma interface entre o mundo anímico e o mundo espiritual puro.

Muitos orifícios constantemente se abrem e se fecham, representando a dinâmica entre a vida e a morte no plano existencial, mas note-se que no plano espiritual, no plano do Todo, não há mutação, há muita quietude e permanência, esperando que se cumpra o ciclo destinado à manifestação. Depois de findo, haverá a grande contração e novamente prevalecerá o imanifestado em um ponto infinitesimal, como antes, porém com a soma da experiência e conhecimentos adquiridos ao longo da manifestação.

O que acontece depois e para quê serve o conhecimento adquirido é algo reservado ao futuro, e como antes dissemos, não temos nenhuma capacidade de desvendar este futuro, já que é constituído por milhões de possibilidades reais, sendo que só uma delas se torna verdadeira.

23

A ideia de Deus...

Quando criança haviam-me inculcado a ideia de Deus de uma maneira um tanto assustadora. Sempre pensei que Ele fosse um homem velho, de longa barba branca, flutuando entre brancas e espessas nuvens e que julgava severamente quem fizesse as coisas de forma errada, conforme os critérios que Ele mesmo havia criado. Era um Deus punitivo e castigava quem não seguisse seus princípios.

À medida que fui crescendo, esta ideia, reforçada pela incisiva presença da Igreja que frequentava na escola primária - que depois entendi que foi muito pior na minha formação - foi se modificando e se perdendo de tal forma que quando alcancei a adolescência, mal me lembrava de Deus. O único que havia ficado em minha mente era que, ao morrer, teria uma conversa séria com Ele a fim de verificar todos os meus atos e receber o devido castigo ou prêmio se assim o merecesse.

Eis que morro e não encontro o tal Homem para fazer as pazes e tentar convencê-lo de que a culpa de não haver acreditado Nele e de haver-me comportado de forma errada não era minha, mas do meio em que estava inserido. A esperança de uma penalidade menor me impelia a buscá-lo por toda parte, mas sem sucesso. Isto havia acontecido no início de minha viagem, quando pulei da escuridão total para a luz que me ofuscava e na qual

flutuava calmamente. Naquela ocasião, olhei em volta e nada vi, além da luz sem limites.

Nesses devaneios me encontrava, quando comecei a pensar que, em função de tudo o que havia aprendido com meu "eu", esse medo era infundado e que o real significado de Deus fosse bem diferente do que acreditei, sempre devido provavelmente aos ensinamentos errados que recebi. Nesse Todo no qual estava inserido não havia nenhum ser sequer, menos ainda de barba branca.

Meu interlocutor novamente sorriu e me disse que a maioria dos mortais pensava mais ou menos da mesma forma e deixava passar o tempo de realizar Deus. Não entendi.

Ele explicou então que tudo o que existia era Deus, inclusive eu mesmo. Disse que o Todo e tudo o que a ele estiver ligado era a ideia mais perfeita de Deus. Era onipotente, onisciente e onipresente porque tudo podia, tudo sabia e era permanente em sua essência. Pudessem o homem ter consciência disso enquanto vivo, tudo seria diferente no mundo. Alguns homens considerados sábios e santos conseguiram ver esta relação e transcenderam sua própria humanidade.

Nesse mesmo instante você está em Deus, você faz parte Dele, como todo o resto que está por aqui. Isto constitui a fonte de tudo, a razão de tudo e tudo o que existe de manifestado tem relação direta com este Todo. Assim que você chegar aos níveis superiores de ideias e

conhecimentos poderá sentir a plenitude do divino dentro e fora de você.

Não há milagre que não tenha explicação prática. A consciência humana ainda está engatinhando e tenta explicar as coisas pelo lado sobrenatural. A ideia final seria que o homem entendesse esta relação e houvesse uma ligação direta e consciente com o todo. Nessa hora, mudaria a composição física do planeta e de tudo o que há nele, entrando numa era de união do humano com o divino, ou do manifestado com o Todo, a fim de completar o ciclo atual de manifestação.

Ainda falta muito tempo do calendário humano para chegar a isto, embora neste plano tudo aconteça simultaneamente já que vivemos na eternidade do ser.

24

Meu “Eu” me disse que vou voltar a viver.

Não quero errar novamente o caminho...

Absorto em meus pensamentos e pelo que havia escutado até agora, eu suspeitava que voltaria a viver na terra e realmente desejava isto já que tinha certeza que trazia uma dívida a pagar para a humanidade. Meu "eu" me disse que tivesse calma, tudo seria esclarecido a seu devido tempo e não deveria me preocupar com os resultados já que neste plano, eles não dependiam exclusivamente de mim.

Raciocinei sozinho quando pensei sobre a volta, o que me deu a impressão que estava bem mais avançado em conhecimentos do que antes, quando tinha dúvidas e não encontrava respostas. O ser me explicou que realmente estava com maior conhecimento e que se devia em boa parte a estar avançando rumo ao centro do Todo, onde tudo se origina e se cria. O fato era que, quanto mais avançasse, mais conhecimentos adquiriria e menos dúvidas teria sobre o universo. O núcleo era a essência do conhecimento e da vida.

Ele me disse que não tinha pressa, mesmo havendo passado 135 anos terrestres ainda podia me considerar um jovem neste processo. Há quem demore 700 anos terrestres para alcançar o total de conhecimentos exigidos, e quanto mais rápido o fizer, significa que teve mais experiências repetidas de ida e volta, ou de vida e

morte, antes de chegar a este estágio. Com certeza, em algum momento voltaria a nascer e poderia fazer o caminho a para casa novamente, escolhendo igualmente de que forma e em que medida o faria. Como disse antes, a escolha sempre é individual e depende de fatores intrínsecos para se processar.

Ainda que não formulasse a pergunta diretamente, estava claro e evidente que precisaria saber ainda se o corpo vibratório de luz constituída de conhecimentos, que agora era minha individualidade, seria o mesmo que voltaria a viver na terra. Ele, percebendo minha dúvida, disse-me que no Todo não existe o individual. Cada parte constitutiva, cada átomo de luz, cada vibração, era o mesmo que se utilizava para a volta. Aqui, neste meio, não existe o "eu"; permanece o Todo. O "eu" é uma ilusão temporal e espacial e isso aqui não é cabível, assim como não deveria sê-lo na terra. Quando todos perceberem que são o Todo, os resultados da relação serão outros.

Na hora da partida, o raio luminoso que passa pelo orifício na placa, voltando ao exemplo anterior para demonstrar o fato, é a soma de todos os raios, é o Todo manifestado, por isso na terra, somos todos filhos de Deus, como dizem as religiões. Todos nossos espíritos ou raios - como quiser) - estão unidos ao sol central que irradia permanentemente e mantém a possibilidade da manifestação. Não fosse isso, não haveria vida. Então, para concluir, nunca você será o mesmo indivíduo, mas uma parte dele junto ao resto do Todo que lhe couber.

O engraçado é que a ansiedade que antes me consumia estava desaparecendo pouco a pouco, deixando lugar a uma calma prazerosa. Não tinha mais pressa e quase não formulava mais perguntas. Ouvia e apreendia tudo o que me era oferecido sem medos nem angústias, mas ainda algo circulava pela minha mente, que não tinha condições de responder, mesmo que arriscando um palpite. Será que eu teria acesso a todo o conhecimento do lado de lá?

Meu interlocutor sorriu novamente desde seu rosto sem face e me comunicou que eu estava quase pronto. Disse que quando surge esta pergunta é porque falta pouco tempo para voltar. Haveria ainda algum treino e completaria meu destino nesta fase antes de partir, mas que devia perceber que o conhecimento que o Todo adquiria só tinha uma via de passagem, desde o nível existencial para o espiritual. O contrário nunca acontecia ou então, muito raramente. Muitas vezes, alguém nascia com dotes especiais de alguma natureza, mas isto se devia a uma falha de comunicação na interface dos dois mundos e acontecia muito raramente, visto que na terra se conhecem poucos casos de meninos prodígio e especiais que conseguem acessar o conhecimento do Todo quando vivos.

Se tiver a sorte de pegar um ponto de inflexão na passagem, poderá ter uma chance de recordar alguma coisa ou de ter dotes especiais para algo, mas normalmente acontece que o ser se desenvolve de forma desequilibrada. Uma parte da existência empurra para um

lado, enquanto que a parte transcendente puxa para o outro. Dificilmente tem saída até ocorrer a mudança do paradigma que prende o homem à matéria.

Há o caso dos verdadeiros sacerdotes, homens e mulheres que transcenderam a existência banal, sendo estes os espíritos mais evoluídos no conhecimento no plano espiritual. Chega uma hora, que os mais evoluídos permanecem no nível central do Todo e são os que propiciam a combustão, por assim dizer, os que fornecem a energia necessária para que tudo funcione adequadamente. Esses não voltam mais se não quiserem; são como os artífices espirituais de todo o processo e permanecem estáticos no centro, vigiando para que tudo ocorra conforme o planejado e ajudando a quem precisa, mas sem intervir diretamente no processo da evolução para não causar mais estragos do que aqueles que a humanidade já possui.

25

Os últimos momentos de luz...

O aprendizado que estava tendo era tão rotineiro que parecia normal e rapidamente me acostumava com as informações que recebia, mas não de uma forma mecânica, como na terra. Era como se o próprio conhecimento estivesse comigo desde sempre e eu o estivesse lembrando; não me importava com tempo nem com o espaço, já que fazia pouco sentido. Nesse universo de ideias não havia lugar nem transcurso, tudo fluía na eternidade do Todo.

Fui percebendo que já não pensava mais, porque os conhecimentos estavam em mim e não fazia nenhum esforço para lembrá-los ou para trazê-los à minha memória consciente. Era como se eu mesmo fosse o próprio conhecimento e não precisasse de corpo físico para expressá-lo. Tudo o que fosse possível imaginar estava em mim e ao mesmo tempo eu me sentia o Todo, não como parte dele, mas como ele próprio.

As dúvidas que surgiram anteriormente, quando a mente pensante se questionava sobre alguma coisa e não conseguia dirimir, haviam desaparecido, dando lugar a um vasto conhecimento e à lembrança de tudo que se confundia com um saber enciclopédico, mas por presença pura, sem intervenção de nenhum sentido. Não era mais o leitor, era o próprio livro. Não havia perguntas, mas simplesmente conhecimento e presença.

Prestei atenção ao interlocutor que permanecia a meu lado com um sorriso na face. Claro que o sorriso era fictício já que não havia corpo, mas o estado de conhecimento que possuía me dava a certeza dessa amabilidade estampada em seu rosto. Ele não falava mais e somente me olhava parecendo divertido com a situação. Olhando fixamente para ele pude ver que as linhas sutis que definiam seu corpo começavam a desaparecer, confundindo-se com o entorno.

Tive vontade de perguntar o que estava acontecendo lançando mão de meus últimos resquícios de mente racional, mas me segurei porque já sabia a resposta. Como eu estava pronto, não precisaria mais dele para me ensinar e sua presença não era mais necessária. Tive plena consciência de que meu outro eu e eu mesmo éramos a mesma energia, a mesma fonte. Entendi porque, no início deste relato, duvidei em chamar esta conversa de aprendizado de diálogo ou de monólogo, mas agora sabia que todos os que aqui estávamos éramos um na confluência do Todo.

Quando a figura que era meu guia se desfez completamente, integrando-se ao Todo, pude ver que acontecia o mesmo comigo. As linhas sutis que antes me delimitavam estavam se desfazendo e senti que todas AS minhas células de energia se misturavam com o restante da energia-conhecimento que ali havia e eu me fundia no Todo, deixando de ser eu mesmo como indivíduo para ser uma gota no oceano de partículas que eram a força universal da manifestação. Senti em mim a onipresença, a

onisciência e a onipotência, já que estava transformado no Todo manifestado.

Agora eu compreendia que cada uma dessas partículas de energia pura era parte de um potencial raio de sol que poderia passar para o outro lado, mas não senti que houvesse vantagem competitiva entre elas, querendo permanecer ali ou viajar para seu novo destino. Tudo estava tão maravilhosamente encaixado que a vontade do Todo era a mesma que toda a vontade das partes e que as coisas estavam determinadas sem pressa e sem angústia. Qualquer um que passasse era como se todos houvessem passado e a nova experiência de vida seria um novo aprendizado para o conglomerado energético do Todo.

Sabia que havia uma prioridade de destino final, conforme a nossa experiência anterior de vida, mas a diversidade da fonte fazia com que o estado vibracional de cada partícula fosse minimamente diferente da outra, configurando a preferência de fazer o caminho de volta para a matéria que estava em formação em ordem pré-fixada pelas circunstâncias. Não sei quantas partículas se juntariam para dar origem a um novo ser, mas isso não importava, já que o resultado final era o mesmo.

Não sei precisar quanto tempo terrestre passou entre o fim do meu aprendizado e minha volta, nem é importante sabê-lo agora. Sei que em um determinado momento do tempo sem tempo, na eternidade do ser, algo começou a mudar na composição de minhas células e senti que o

tempo de partir havia chegado. Muito calmamente olhei em torno e me vi refletido em todas as partículas e soube que eu e elas éramos nós. Quem quer que fosse, seria uma parte do todo e tive certeza absoluta que não era mais eu, mas era o Todo que estava em mim.

Senti que se formava como um rodadoiro de muitas partículas que se diferenciavam do resto da mesma forma que havia se manifestado meu outro eu no início, com uma sutil linha divisória entre dois campos vibracionais, e que partia em direção desconhecida, rumo a seu novo destino de manifestação. Era consciente de tudo e sabia que em pouco tempo passaríamos pela placa figurada como um novo raio de sol que iria fecundar uma nova vida. Quanto de meu eu original iria passar não sabia nem importava. O Todo manifestado estava enviando uma porção dele mesmo para adquirir novas experiências e aprendizados, até o momento da grande contração.

O destino estava selado.

26

De repente tudo se apaga.

Novamente a escuridão total.

Num instante, passamos a um estado energético bem diferente. Diria que caímos num buraco negro, se é que vale a expressão. Toda a sensação de claridade se foi e restou a obscuridade total. Nada podia ser visto, mas sentíamos que estávamos flutuando num vazio sem fim.

Restava-nos o conhecimento de tudo para poder explicar este fato, mas faltava-nos algum elemento de ligação que pudesse explicar o vazio e a escuridão total.

Percebam que agora falo em plural. Já não era “eu”, mas “nós”. A individualidade que me acompanhou até aqui se misturou com outras individualidades, não na totalidade, mas em partes representativas. Cada uma tinha um padrão vibracional diferente, mas no conjunto formavam uma unidade nova, harmoniosa, que era compatível para iniciar uma nova experiência de vida.

Como disse antes, faltava um elemento que explicasse o que viria depois, já que estávamos envolvidos na negrura eterna do nada, sem visão e sem entendimento. Nada podia escapar dessa escuridão, da mesma forma que num buraco negro figurado, no qual nem a luz escapa e todo o restante se perde na singularidade de possibilidades. Não havia corpos celestes colapsados porque não havia gravitação nesse vazio do espaço-tempo e nem sabíamos se algum fenômeno similar se podia ser processado neste estado de coisas, mas estávamos próximos do horizonte de eventos, desde o qual não há mais volta possível. Sabedores de nosso

próximo destino, deixamos as coisas acontecerem sem dramas.

Assim, fluuávamos tranquilos na escuridão do nada e de repente tudo se foi. O conhecimento, que era parte de nós e que nos mantinha confortáveis nessa situação, havia desaparecido. Restava somente uma lembrança vaga de tudo, que desaparecia rapidamente com o passar do tempo que agora novamente começava a existir para nós, fazendo parte de nossa história. Quanto tempo terrestre passou antes de atravessar o horizonte de eventos não poderíamos dizer, mas agora o tempo corria inexorável e, sem uma memória real, tornava-se difícil entender tudo o que acontecia.

Esquecemos nossa pluralidade e passamos a ser um indivíduo conjugado, uma só experiência. Voltei a ser um outro “eu mesmo” rumo a um destino desconhecido. Sem entender o que estava acontecendo, o meio em que me encontrava começou a se consolidar e do vazio do nada me encontrei num lago úmido e escuro no qual se ouvia o compasso rítmico de uma batida peculiar. Começava a ouvir com ouvidos físicos e uma espécie de pensamento intuitivo ou coisa similar se apoderou de mim e me acompanhou dali em diante.

Permaneci nesse estado um bom espaço de tempo, o qual serviu para possibilitar a conformação final de um corpo humano, pouco a pouco, definindo órgãos e sistemas e ensaiando a possibilidade de ter vida própria, apesar da ligação com outro corpo maior que sustentava todo o processo de adequação.

Nada recordava da experiência anterior e pouco entendia o que estava acontecendo, mas aguardei o resultado final com expectativa renovada.

27

Vejo uma luz no fim do túnel.

Rodopio novamente em direção à luz.

Mergulhado nesse líquido levemente viscoso, na escuridão que me cercava, nem podia idealizar meu próximo destino nem tinha capacidade para isso. Flutuava nesse líquido que possuía uma temperatura muito agradável e acolhedora, no entanto intuitivamente percebi que não respirava e nem sabia bem como ou se devia fazê-lo, já que as ideias pré-existentes na minha mente haviam desaparecido e nem mais sabia o que devia fazer para manter a vida, ou se talvez tivesse que ficar estático, esperando algum sinal que me desse alguma luz sobre o assunto.

A vaga lembrança de uma história de vida que me tocava profundamente havia aos poucos desaparecido, deixando-me a sensação de estar adentrando num profundo sono, no qual se esvanecem todas as lembranças objetivas e se inicia a vida virtual dos sonhos. Em poucos minutos estava sonhando, ou pelo menos era a impressão que tinha, já que as figuras, os sons e o movimento estavam mais para um mundo surreal do que para uma realidade vivencial. Sem saber por que, eu curtia o momento cadenciado pelas rítmicas batidas de alguma coisa que não alcançava entender.

Nesse esquecimento de não fazer nem ideia de onde me encontrava ou do que estava fazendo, entre rumores

estranhos e ruídos diferentes, um ponto de luz apareceu na minha frente. Como estava de cabeça para baixo não consegui ver com clareza, mas me pareceu que a luz se dilatava e se contraía num ritmo crescente, e a cada movimento parecia que a luz ficava maior. Senti o impulso de alguma força estar me empurrando em direção à luz, mas já não consegui raciocinar nem entender nada. Meus pensamentos estavam confusos e havia-me esquecido de mim mesmo.

Rolei sendo puxado por mãos invisíveis e passei pelo buraco de luz. Uma intensa luminosidade enchia o novo ambiente, fazendo com que tivesse que fechar os olhos. Algumas vozes e o choro alegre e contido de uma mulher (os quais ouvia perfeitamente e dos quais tive consciência mais tarde do que eram) deixaram-me a sensação de haver entrado em outro mundo.

A partir desse instante e durante um tempo prudencial, não tive consciência de nada à minha volta. Via rostos repetidos, comia por instinto, a vida me levava sem que eu pudesse fazer nada para mudar qualquer coisa. Estava à deriva e alguém cuidava de mim. Não tinha consciência de espaço nem de tempo e meus pensamentos estavam paralisados. Era um verdadeiro autômato sem vida autônoma e sem noção do que estava acontecendo.

Quanto tempo estive nesse estado letárgico mental é algo que até hoje me pergunto e muito pouco tenho a acrescentar, já que a lembrança se esvai e não consigo fixar nenhum momento. Posso dizer que algumas das

pessoas que me cercavam passaram a fazer algum sentido para mim e o fato de vê-las permanentemente e de cuidarem que não me faltasse nada, fez nascer em mim um sentimento de afeição que aumentava com o tempo e se fixava em meu coração.

Algumas palavras começaram a se desenhar na minha boca, primeiro por repetição - sem fazer muito sentido - e mais tarde associadas a alguma necessidade básica, o que me permitiu usá-las para benefício próprio. Quando descobri que podia obter coisas e satisfazer meus desejos incipientes através do grito, do choro ou de repetir algumas palavras mesmo ainda sem sentido, aproveitei para usar e abusar do mundo à minha volta.

Isto que havia começado a fazer me trouxe lembranças ruins, chocando-me instantaneamente e um sentimento de culpa e arrependimento se apoderou de mim, de forma intuitiva, já que não sabia racionalizar palavras e situações. Descobri mais tarde que, neste mundo, eu não devia abusar das possibilidades e que ninguém deveria abusar de ninguém nem de nada. O mundo deveria ser de todos, com os mesmos direitos e deveres. Não deveria haver vantagens em conseguir benesses em detrimento dos outros, afinal, todos éramos um só sendo que cada um de nós era o outro em outra dimensão.

Um sentimento de bondade entrou em meu coração para nunca mais sair. Queria explicar a todos, mas ainda não tinha palavras adequadas para fazê-lo; meu

vocabulário era escasso, então decidi mostrar pelo exemplo e evidenciar meus sentimentos.

Assim comecei a realizar as tarefas domésticas que eu podia conseguir, continuei priorizando a vida dos outros em lugar da minha, a tal ponto que dava meus brinquedos aos meus amiguinhos que não tinham condições de tê-los, muitas vezes sendo o único que eu possuía, ajudava aos professores da escola a cuidar dos pequeninos e me esforçava bastante por estudar e saber as lições que me passavam.

O tempo transcorria de uma forma pacífica e agradável e eu me sentia bem e feliz. Fui crescendo e me tornei um exemplo para muitos pela minha atuação e postura de vida, e quando comecei minha faculdade tive acesso, felizmente, a algumas conversas filosóficas com um professor que gostava de falar sobre as coisas do além. Todas as suas explicações de como seria a vida após a vida e de como seria possível o retorno à terra me atraíam sobremaneira e, sem querer, fui me familiarizando com o tema e talvez esse pudesse ter sido o ponto de partida de minha lembrança posterior.

Continuei frequentando esta escola de filosofia que não tinha nada de culto religioso, embora alguns conceitos fossem comuns e levassem a exemplos reais de pessoas que transcenderam o comum dos homens e se tornaram líderes espirituais ou religiosos de muitas comunidades. Alguns foram reconhecidos e outros não, alguns deles elevados à condição de santos e outros

queimados nas fogueiras, gente que percebeu que a vida é feita de realidades objetivas e que agiu muitas vezes de forma correta, não com o objetivo de mudar as condições do mundo em que vivia, mas para evitar que esse mundo mudasse sua própria essência.

Um dia, enquanto estava na aula, tudo começou a pular e a girar na minha cabeça e a lembrança de uma vida anterior bateu forte em mim com tal energia que todos perceberam minha estupefação.

Olhei para todos os que ali estavam e imediatamente me dei conta que todos eles, sem distinção, eram o mesmo eu, a mesma forma primordial, e que todos havíamos saído da mesma luz original. Mais tarde, quando saí à rua, percebi o mesmo em todos os seres que cruzaram por meu caminho.

O professor chegou discretamente a mim e me disse algo que nunca vou esquecer. Bemvindo à realidade de ser. Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece.

Agora vamos andar juntos, mas fora deste grupo ampliado que participa das reuniões com o objetivo de despertar a consciência. Muitos vêm aqui, mas poucos são os que conseguem visualizar o mundo como realmente é. Quem consegue isto quando está na terra, como você o acaba de demonstrar, passa a fazer parte de um grupo de escolhidos para ajudar a humanidade a evoluir como um todo.

Epílogo

A composição deste livro foi possível pelo acesso que tive ao conhecimento total aqui na terra, devido a ter desenvolvido características particulares em todo meu aprendizado na escola de filosofia à qual me referi anteriormente e, que pela sua essência, é muito difícil de ser encontrada de forma explícita neste mundo. Na realidade, você não procura a escola; ela procura você. Como disse uma vez meu mestre, quando o discípulo está pronto o mestre aparece.

Existe um lugar ou um plano de energia cósmica ou de conhecimento, o éter cósmico dos antigos ou a quintessência, chamado de Akasha por algumas filosofias e grupos religiosos, onde se encontra a suma do conhecimento. Quem chega a vislumbrar esse sagrado lugar em vida, tem o privilégio de ser permeado pelo Todo, saber intuitivamente e conhecer praticamente tudo o que possa se transformar em um questionamento interior, em sua jornada de vida. Não é permanente, mas acontece como que em parcelas pequenas que vão aumentando ao longo do tempo e, se for persistente em sua busca, pode chegar a ser acessado à vontade, quando necessário.

Há muitos exemplos de seres que conseguiram esta façanha que se processa de forma incontestável e que se evidencia de muitas formas ao longo da história humana. Místicos, mestres, peregrinos, cientistas, curadores, sacerdotes, santos e sábios, dentre outros,

caracterizaram-se pelos feitos que realizaram em vida, tais como extraordinários descobrimentos que ajudaram a humanidade, milagres, obras de grande magnitude, ações grandiosas que impulsionaram o desenvolvimento humano em regiões desprovidas de condições e outras tantas manifestações de feitos que não conseguimos mais identificar devido à vida insana que levamos, ainda mais pelo costume de achar que tudo o que existe já estava aqui e que não é obra de ninguém.

Como foi relatado anteriormente, o ser humano pode ter acesso ao conhecimento total porque possui em seu interior a fagulha da vida espiritual, a energia originária pura que o mantém unido ao Todo e que Dele se nutre. Poucas vezes o homem percebe que tem esse espírito vivo nele e quando percebe, pela influência de outros ou de grupos específicos, não consegue desabrochar seu desenvolvimento e fica a meio caminho entre a vida inferior e a vida superior. O custo é grande, já que o ser tem que abandonar muito do que possui e poucos estão dispostos a essa perda.

O homem tem o pensamento curto e a ação dilatada, de forma que não consegue entender a essência das coisas. Ele se perde em delongas crendo que o que seu grupo explica é melhor do que outro e não se dá conta de que estamos dividindo em lugar de somar, de que estamos nos debatendo para ver quem tem razão e perdemos o espetáculo do conhecimento, afastando-nos do Todo. Se por ventura, um dia aparecer alguém na terra que se hasteie como candidato a transitar a senda do

espírito e do conhecimento, este será chamado de farsante, antes mesmo que se verifique se há fundamento em sua fala e sua ação. Não esqueçamos que muitos dos grandes inventores, por exemplo, sempre foram rebaixados, apontados como incapacitados, chamados de burros, medíocres, loucos, sonhadores.

Albert Einstein - para citar algum - um dos mais célebres cientistas do século passado foi considerado sinônimo de inteligência. Suas descobertas provocaram uma verdadeira revolução do pensamento humano, com interpretações filosóficas das mais diversas tendências.

No entanto, ele apresentava dificuldades para se comunicar, conseguindo falar pela primeira vez aos quatro anos. Seu professor o descreveu como mentalmente lento, não sociável e sempre perdido em seus sonhos. Foi expulso da escola e recusado na Escola Politécnica de Zurique. Era um “caso perdido”, segundo seus mestres. Antes da comprovação da sua Teoria, foi alvo de deboches e chacotas.

Uma das suas célebres frases dizia que o mundo era um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer sem nada fazer.

Outro deles, Nikolas Tesla foi um grande inventor nos campos da engenharia mecânica e eletrotécnica, nascido na atual Croácia. As patentes de Tesla e o seu trabalho teórico formam as bases dos modernos sistemas de potência elétrica em corrente alternada (AC). Era descrito

como um ser misterioso e antissocial. Estudava mais de 11 horas por dia, resultando em uma das mentes mais brilhantes de todos os tempos.

Tesla foi considerado louco pela sociedade e foi subestimado até pelo próprio Edison, outro gênio, que disse que a Corrente Alternada nunca funcionaria e fez o possível para desacreditar o sábio perante o meio científico.

E para finalizar os exemplos de grandes mentes, um dos maiores inventores que o mundo já conheceu - Thomas Edison - registrou durante sua vida mais de mil patentes e não apenas mudou o mundo em que vivia, mas suas invenções ajudaram a criar outro muito diferente, daquele onde vivemos hoje.

Entre as suas contribuições mais universais para o desenvolvimento tecnológico e científico encontra-se a lâmpada elétrica incandescente, o gramofone, o cinescópio e o microfone de grânulos de carvão para o telefone.

Quando criança, os professores de Thomas Edison disseram que ele era burro demais para aprender qualquer coisa, e depois, quando ele apresentava seus projetos, sempre aparecia alguém para duvidar e declarar que não daria certo.

Desta forma caminha a humanidade, entre mortes e nascimentos, a repetição até que o ser compreenda seu papel na grande trama universal. Dentre todos aqueles que tentaram arriscar um ensaio de união divina, que é o

mesmo que permanecer no Todo, poucos conseguiram alcançar o sucesso, pelos motivos que citei acima. Até que o homem não aprenda que sua vida na terra serve para adquirir conhecimentos e experiências para o Todo e que ele tem capacidade de acessar o Todo, se assim se propuser, estará fadado a continuar no ciclo até que ocorra a grande contração.

Como antes relatado, é impossível conhecer o futuro, já que o universo de possibilidades reais ainda não aconteceu e depende do momento e do lugar para poder ocorrer, mas sinceramente espero que seja o melhor que possa advir para minimizar os efeitos da grande transição que vamos enfrentar em pouco tempo. Claro que não desejo ser nem alarmista nem pessimista porque não é o objetivo deste escrito, mas quero deixar as coisas bem claras e definidas para que não haja surpresas no momento que o ser alcance sua liberação e possa chegar à união divina.

